

Artífices coleção

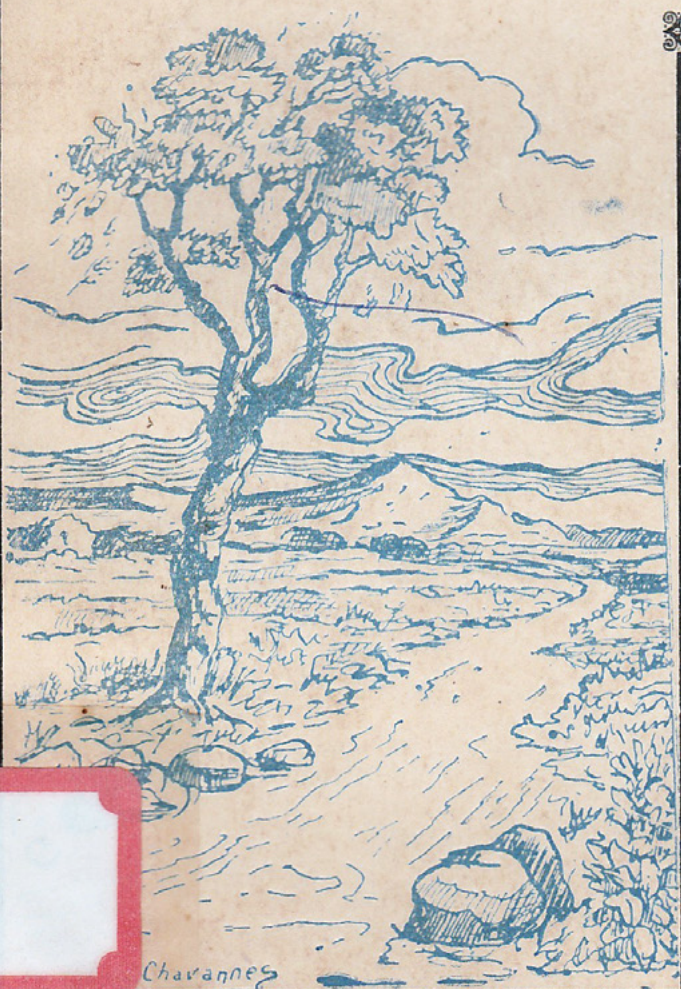


Gilberto Mendonça Teles

ALVORADA

Gilberto Mendonça Teles

Alvorada



Chavannes

1
3
2

CAPA DA NOVA EDIÇÃO

Ilustração a partir de trabalhos em xilogravura produzidos por estudantes do curso Técnico em Modelagem do Vestuário – Educação de Jovens e Adultos, parte do acervo da Galeria de Artes e Ofícios (Galo) do Câmpus Aparecida de Goiânia do IFG.

CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Criação de Péclat de Chavannes

Artífices coleção



Gilberto Mendonça Teles

ALVORADA

ISBN 978-85-67022-61-1

© 2021 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Goiás. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

T269	Teles, Gilberto Mendonça. Alvorada / Gilberto Mendonça Teles. - Goiânia: Editora IFG; Rio Branco: Ed. IFAC, 2021. - (Coleção Artífices). 144 p.: il. ISBN 978-85-670220-61-1 ISBN (e-book): 978-85-67022-51-2 I. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Título. II. Coleção. CDD 869.1
------	---

Catálogo na publicação:

Maria Aparecida Rodrigues de Souza - CRB1/1497

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Editora IFG

Avenida C-198, Qd. 500, Jardim América

Goiânia/GO | CEP. 74270-040

(62) 3237-1816

editora@ifg.edu.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO	7
PREFÁCIO	17
PREFÁCIO DO AUTOR	29
SONETOS I	
HISTÓRIA ANTIGA	33
ELA	35
DESTINOS	37
RETORNO	39
OFERTA	41
CAPRICHOS?!	43
TRISTEZA	45
QUE IMPORTA?	47
SAUDADE	49
“NÃO DÁ CERTO...”	51
ENCANTAMENTO	53
II	55
III	57
IV	59
V	61
VI	63

SONETOS II

SONHO	67
ETERNIDADE	69
A CRUZ DO AMOR	71
IMO	73
A VERDADE	75
HINO AO VENTO	77
CREPÚSCULO	79
VENTURAS DISPERSAS	81
NO CEMITÉRIO	83
RÊVERIE	85
O IDEAL	87
CRISOL	89

POEMAS

EXORTAÇÃO	93
LAMENTO	95
AUSÊNCIA	97
EU TE ESPERO	99
MADRIGAL	101
MELODIAS	103
FLAMBOYANTS	105
ENLEVO	107
PESSIMISMO	109
ORAÇÃO DE NATAL	111

POSFÁCIO

OS SARAUS DE OUTRORA	115
-----------------------------	------------

APÊNDICE	127
----------	-----

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

*Folheio o livro, pensativo e triste,
solvendo os seus poemas, devagar...
Sondando, desnudando, ao meu olhar,
a alma que nestas páginas existe...*

A.G. Ramos Jubé, em "Semelhança".

Os senões, as imperfeições que lhes deslustram presentemente as obras, com o tempo, com a experiência e o aperfeiçoamento irão ficando para trás, motivo pelo qual não vacilamos, com os olhos no futuro, em dizer ao prezado leitor: folheie o nosso livreto.¹ Esse excerto foi retirado de uma publicação de 1947. Naquele ano, em um dos pavilhões em *art déco* do prédio localizado no Setor Central da capital recém-fundada, funcionava a Seção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Goiânia (ETG) com as oficinas de tipografia e encadernação. Com o apoio do diretor da Escola, foram impressos os três poemas vencedores do Primeiro Concurso de Poesias do Movimento Unificador dos Estudantes Goianos, depois de serem avaliados por nada menos que Bernardo Élis, Leo Lynce e Eli Brasiliense, três destacados nomes da literatura produzida em Goiás. Trata-se da publicação

1 MUEG (Movimento Unificador dos Estudantes Goianos). *Primeiro concurso de poesias*. Goiânia: ETG, 1947. Não paginado.

mais antiga de uma gráfica de cuja história partimos para compor esta apresentação.

A partir da inauguração e do batismo cultural de Goiânia em 1942, cinco anos depois de oficializada a transferência da capital do estado, alguns fatos mostraram-se decisivos para a conformação de um cenário literário na cidade. Um dos mais importantes consistiu na instalação da ETG, que representou a continuidade institucional da Escola de Aprendizes Artífices, a qual, desde 1910, estava em funcionamento em Vila Boa, a antiga capital. A contribuição para a produção local de literatura vinculou-se, sobretudo, às atividades do curso de Artes Gráficas. Como atesta o escritor Aidenor Aires, “na gráfica da Escola, onde o ofício de gráfico ainda era aprendido com caixilhos de tipos móveis e uma fumegante linotipo a chumbo, confeccionavam-se vários livros de autores goianos”.² Em depoimento à Editora IFG, o promotor de Justiça Wagner Jerson Garcia, ex-aluno do referido curso e filho de Odir Garcia, mestre linotipista da Escola, afirmou que a gráfica, a maior da Região Centro-Oeste até os anos 1960, cumpriu um importante papel social à época, uma vez que, por contar com o ofício dos aprendizes, conseguia oferecer serviços gráficos a baixo custo, o que facultava o caminho da publicação a quem dispunha de poucos recursos.³ Nesse contexto, a ETG foi a responsável por imprimir livros de prosadores e poetas em início de carreira, como Aires exemplifica em seu depoimento:

2 AIRES, Aidenor. *Estrela nascente do anjo Gabriel*. Goiânia, 2010. Disponível em: <http://blogdoelius.blogspot.com/2010/11/estrela-nascente-do-anjo-gabriel.html>. Acesso em: 20 mar. 2020. Não paginado.

3 COLEÇÃO Artífices. Goiânia: Editora IFG, 2019. Produção de Renata Rosa Franco, Bruno Fiorese, Vinícius Soares e Olliver Mariano Rosa. 1 vídeo (3min49s). Publicado pelo canal Editora IFG. Disponível em: <https://youtu.be/scRyR2hBEIM>. Acesso em: 20 maio 2020.

Ali consegui o *Pássaro de Pedra* de Gilberto Mendonça Teles. Pelos corredores passava a figura fina quase diáfana, flutuando com a Vênus de Botticelli, a poetisa Yêda Schmaltz, que editava *Caminhos de mim*. Também Edir Guerra Malagoni, com seu *Tardes do nada*, *Primeira chuva*, de Bernardo Élis, e outros. Teatro, poesia, música, oratória.⁴

Essa prestigiada atividade gráfica não começou apenas com produção literária. Em 1948, o relato policial de J. C. Canedo, *História de um crime ou o Crime de Aldeia*, recebeu uma segunda edição em razão de seu sucesso, o que, nas palavras do autor, devia-se, em alguma medida, “ao trabalho gráfico executado pelos artífices da Escola Técnica de Goiás, onde a arte e o gosto não se fizeram faltar”.⁵ Ainda na década de 1940, no mesmo ano em que colocava no prelo os poemas do professor José Lopes Rodrigues com o título *Vibrações* (1949), publicava uma obra de referência documental do historiador e geógrafo Zoroastro Artiaga, a *Monografia corográfica e histórica da nova capital de Goiás*.

Dois anos depois, em 1951, eram impressas as *Lendas de minha terra*, obra de Mário Rizério Leite contemplada pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, política de fomento à literatura goiana criada pela Prefeitura de Goiânia em 1943. Em 1955, Bernardo Élis apresentava seu único livro de poesia, *Primeira chuva*, com a inscrição “Tip. e Enc. da ETG”. Nesse mesmo ano, Gilberto Mendonça Teles estreava sua longa trajetória na escrita poética com *Alvorada*, também forjada pelas mãos dos escolares linotipistas. No início da década seguinte, Teles continuou sua parceria

4 AIRES, 2010.

5 ANEDO, J. C. *História de um crime ou o crime de aldeia*. 2. ed. Goiânia: ETG, 1948.

com a gráfica dos artífices: publicou, em 1962, *Pássaro de pedra*, que recebeu o Prêmio Álvares de Azevedo, concedido pela Academia Paulista de Letras, e editou, em 1964, seu discurso de posse na Academia Goiana de Letras com o título “A poesia de Leo Lynce e o sentido simbolista da obra poética de Erico Curado”.

Os anos 1960 foram marcados por uma produção profícuca, que traduzia o contexto de movimentação artístico-cultural de uma juventude criadora. Em 1963, Ciro Palmerston Muniz, Geraldo Coelho Vaz, Yêda Schmaltz e Edir Guerra Malagoni participaram da criação do Grupo de Escritores Novos (GEN), que, até 1967, agremiou vozes que desejavam trazer mudanças à literatura goiana, sintonizadas com o movimento literário nacional e internacional. A gráfica da ETG tomou parte nesse processo quando levou do chumbo às páginas os livros desses quatro poetas, respectivamente: *Tempo maior* (1962), *Poemas de ascensão* (1963), *Caminhos de mim* (1964) e *Tardes do nada* (1965). No final da década, já com a marca da nova institucionalidade de uma autarquia da União, Escola Técnica Federal de Goiás (ETFG), vinham ainda a lume pelas mesmas tintas a coletânea de poemas da musicista Silvia Nascimento, *Madrugada* (1968), e a seleta de crônicas, contos e novelas de Nita Fleury Curado, *Vida* (1969). No início da década seguinte, a ETFG apresentava ao público a criação poética de Emir Omá (pseudônimo do poeta Euler de Amorim) por meio da segunda edição de *Aquarelas goianas* (1970) e do lançamento de *Flor de abril* (1971), as últimas obras que teriam sido impressas à época nas linotipos da Escola.

De todas essas obras foram selecionadas dez para representar a produção e compor a Coleção Artífices, que resgata não só a história do IFG e sua incursão no mercado editorial, mas também as marcas deixadas no estado quando da transferência da capital e os sentimentos vividos naquelas décadas, literalizados

nas páginas de diversos autores, muitos deles em suas primeiras obras. Apesar de a personalidade editorial não ser prioritariamente literária, uma vez que se publicava todo tipo de material impresso, sendo a gráfica acessível àqueles que pretendiam divulgar seus escritos, a literatura se destaca nesse período, principalmente em razão da publicação das primeiras obras daqueles que iriam se tornar grandes nomes da literatura regional e nacional. Da materialização dessas obras nascem a circulação e a divulgação delas feitas pelos jornais, pelos suplementos literários e pelos próprios autores, em saraus e encontros na capital goiana. Na livreria Bazar Oió, conhecido espaço cultural da capital goiana à época, os autores circulavam em diversos momentos e eventos. A importância de materializar uma obra literária naquele momento é perceptível ante a promoção dos escritores publicados pela ETG em jornais e revistas não só do estado de Goiás, mas de São Paulo e de cidades como Brasília e, especialmente, Rio de Janeiro – centro urbano que naquele momento ainda era considerado uma forte referência no circuito cultural.

Naquele contexto, esse movimento dependia muito das relações sociais, políticas e literárias de cada autor. A republicação atual ganha um novo aspecto e novos suportes, o que permite uma ampla circulação e divulgação por meio das plataformas digitais. Nesse aspecto, cabe a perspectiva de Le Goff, ao afirmar que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para ser ao presente e ao futuro”.⁶ Republicar significa memorar e marcar a presença cultural de uma instituição centenária e a sua importância para a produção literária, ao mesmo tempo que representa a afir-

6 LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: Unicamp, 1999, p. 471.

mação da literatura goiana no cenário da literatura brasileira, o que é favorecido pela capilaridade da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, mesmo que a obra dos autores de Goiás ainda careça de reconhecimento em âmbito nacional.

Antonio Candido, no prefácio de 1957 à primeira edição do seu livro *Formação da literatura brasileira*, inscreve o seu apreço à nossa literatura na base do estudo apresentado. Embora à época tenha visto a literatura brasileira como “galho secundário” da portuguesa, esta, por sua vez, menor no “Jardim das Musas”, Candido diz: “Se não for amada (a literatura), não revelará a sua mensagem; e, se não a amarmos, ninguém o fará por nós”.⁷ O que nos interessa da afirmação de Candido não é a visão sobre o lugar ocupado pela literatura brasileira no conjunto da literatura ocidental, mesmo porque, passados mais de sessenta anos da publicação, e já àquela época, temos obras que fazem frente à mais qualificada produção literária da Europa e das Américas. O que chama a atenção é a disposição afetiva colocada no gesto do crítico e a responsabilidade ética que ele demanda ao leitor e ao estudioso que se debruce sobre a nossa literatura.

A lembrança dessa passagem do livro de Candido vem a propósito do que temos a dizer sobre a literatura goiana, que teve na gráfica da ETG sua primeira casa editorial efetivamente de Goiás. Essa literatura surge com *O ditirambo às ninfas goianas*, que é tido como um canto de encômio feito pelo professor de latim e poeta Antonio Cordovil ao governador da província Tristão da Cunha Menezes. Nos registros consta a publicação de Cordovil entre 1792 e 1800. A considerar esse marco, temos, então, uma

7 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos: volume 1: 1750-1836*. 8. ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997, p. 10.

literatura com cerca de 220 anos, que nasce sob a égide da implantação da educação em Goiás, tendo em vista que Cordovil veio para cá com a função de ministrar aula de latim em Meia-Ponte, hoje Pirenópolis/GO. Uma literatura relativamente jovem que só vai constituir-se como tal no final do século XIX e no início do XX, quando podemos perceber uma produção modestamente acolhida por um público leitor, especialmente na capital da província e, depois da República, capital do estado, onde havia uma vida cultural intensa.

É esse contexto literário que, passado um pouco mais do seu centenário, produziu *Tropas e boiadas* (1917), de Hugo de Carvalho Ramos, uma das mais originais coletâneas de contos, já à época reveladores dos contrastes entre o urbano e o rural, entre o progresso e uma cultura sertaneja forte, presentes até hoje na identidade do povo brasileiro. Carvalho Ramos ganhou a cena nacional, mas contemporâneos seus ficaram à meia-luz como os poetas Félix de Bulhões, Luiz do Couto, Gastão de Deus, Augusto Rios e a poetisa Leodegária de Jesus. Sem citarmos Cora Coralina, que já mostrava seus primeiros escritos nos jornais e nos saraus.

Só mais tarde, com a mudança da capital e a construção de um contexto cultural embalado pela ideia de modernização, com agentes fomentadores e meios de produção criados, como a gráfica da ETG, é que a literatura goiana encorpou-se e desenhou com mais força seu percurso até os dias de hoje. É essa literatura, em cuja linha histórica percebemos as lacunas, o esquecimento e tantos silêncios, que a posição amorosa de Antonio Candido, citado anteriormente, serve para nos ensinar a valorizar e demonstrar nosso apreço a partir de sua leitura, de seu estudo e de sua partilha. O que a Coleção Artífices aqui apresentada propõe é trazer, às leitoras e aos leitores contemporâneos, poetas e escritores que impulsionaram a lite-

ratura goiana para ser o que ela é hoje: digna de ser lida e de ser examinada pelos leitores e bons críticos do estado de Goiás. A gráfica da ETG, ao publicar esses autores no passado, assumiu protagonismo na história da literatura goiana, contribuindo para a sua afirmação e difusão. E o Instituto Federal de Goiás (IFG), agora, ao reeditá-los, abre o espaço que lhes pertence por direito no tempo presente e nos convoca para a leitura que exige o dever de “passar a limpo os autos do passado”.

Em 1947, aquele que apresentava o pequeno livreto de poesia ressalvou a qualidade dos poemas apresentados na ocasião. Dos três jovens poetas, apenas A.G. Ramos Jubé, que galgou o segundo lugar do concurso estudantil com o poema “Semelhança”, notabilizou-se nas letras goianas. Élis, Lynce e Brasiliense apontam-lhe os acertos. Não saberíamos dessa relação entre gerações de escritores goianos se não fosse as artes das oficinas de tipografia e encadernação da Escola. Como os estreantes na poesia, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na arte da tipografia para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mão dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio. Com essa homenagem, conectamos dois tempos e dois mundos, o que se materializa, inclusive, no projeto gráfico dos dez livros: suas capas originais, cuja imagem está reproduzida no interior das reedições, dividem espaço com as novas capas, resultantes da recriação de desenhos produzidos em xilogravura por alunos do IFG/Câmpus Aparecida de Goiânia como parte das atividades da Galeria Artes e Ofícios, a qual, em seu nome e em sua prática, rememora a ar-

tesania de outrora.

A transposição espaço-temporal acontece também na composição das novas edições: reunimos à poesia ou à prosa dos escritores goianos prefácios de vozes célebres da cultura goiana, posfácios críticos de estudiosos da literatura do IFG, da UFG, da UEG e de outras instituições parceiras e, por fim, a reprodução de matérias jornalísticas veiculadas sobre os livros à época de sua primeira publicação, a maioria delas gentilmente cedidas pelo jornal *O Popular*. A todos os que colaboraram para tornar possível essa rica composição, registramos nosso agradecimento, sobretudo aos autores e familiares que cederam os direitos de publicação à Editora IFG.

Numa ou noutra das obras desta coleção que ora apresentamos, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Com vistas a essa dinâmica, a Editora estabeleceu sua estratégia de distribuição: toda a tiragem segue das gráficas para as estantes de bibliotecas públicas. Parafraseando os excertos que abrem esta apresentação, nós, os coordenadores da Coleção Artífices, não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a folhearem, com os olhos no futuro, cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.

OLLIVER MARIANO ROSA

MARCELA FERREIRA MATOS

GOIANDIRA ORTIZ DE CAMARGO

COORDENADORES DA COLEÇÃO ARTÍFICES

PREFÁCIO

Alvorada, primeiro livro de poemas de Gilberto Mendonça Teles, publicado em 1955, pela gráfica da Escola Técnica de Goiás, tem, agora em 2019, uma nova edição. Essa faz parte do Projeto Artífices, do Instituto Federal de Goiás, em parceria com a Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia, que tem o objetivo de homenagear os escritores que tiveram obras editadas pela referida gráfica, nos anos 40, 50 e 60, do século XX.

Que a força das palavras jamais deve ser negligenciada, muitos sabem, porém acredito que poucas vezes uma palavra alcançou tão bem a sua significação, quanto *Alvorada*, ao ser empregada como título deste livro. E para comprovar a minha crença, transcrevo a explicação do próprio poeta, que assim se expressou:

*Alvorada é um arrebol de rútilos e esplêndidos fulgores,
com algazarra de pássaros e clarinadas de alegria. É a
minha alvorada.*

De fato, tudo se concretizou como o escritor iniciante desejou. O livro *Alvorada* marca o início das inúmeras publicações que se sucederam ao longo da vida literária de Gilberto Mendonça Teles. E, garanto, a algazarra dos pássaros, também mencionada por ele, simboliza a alegria dos seus leitores, dos seus alunos, que comprovando o conhecimento, a criatividade en-

genhosa dos seus versos, certamente o apontam, como eu faço agora, Mestre da Poesia.

Conheci o professor Gilberto quando participei de um curso que ele ministrou para a turma que se preparava para a obtenção do título de mestre pela UFG em 1980. Após uma das aulas, ele perguntou se eu poderia deixá-lo na Praça Cívica, pois estava sem carro. Como o câmpus universitário é distante do centro de Goiânia, tivemos um bom tempo para conversar. O professor perguntou-me várias coisas, inclusive qual o meu interesse em cursar o mestrado. Prontamente respondi: “Para aprender a ler.” Penso que a minha resposta foi inesperada porque ele riu e continuou com suas perguntas. Quis saber se eu escrevia. Respondi que não. Então ele disse: “Pois devia escrever. Por que não tenta?” E repetiu: “Tenta... tenta...”

Após o primeiro módulo das suas aulas, elas foram divididas em três, o professor Gilberto retornou ao Rio de Janeiro e, de lá, para agradecer a “carona” que lhe dei, presenteou-me com um exemplar do seu livro *Sociologia goiana*, que havia acabado de ser publicado. Assim que o recebi, comecei minha leitura. Surpreendeu-me a ligação do poeta com Goiás. Para retribuir a delicadeza da atenção para comigo, enviei-lhe uma carta, na qual escrevi: “Pensei que o mar tivesse ‘te’ levado, pensei que o mar tivesse ‘te’ lavado.” Depois de algum tempo, para minha surpresa e, por que não confessar, certa vaidade por ter sido eu a inspiradora, recebi do professor Gilberto o poema “Declinação”, no qual ele respondeu belamente minhas indagações:

DECLINAÇÃO

O mar não me levou:
os meus cuidados
(o que era ruim /o que era bom demais)
ficaram por aí, pelos cerrados,
à sombra dos paus-terras de Goiás.

O mar não me lavou:
meu corpo todo
tem as marcas da terra – o sol, o chão,
os cheiros doces dos quintais, do lodo,
e a febre do meu T nesta estação.

Eu sou quem sou. Não me mudei. Mudou-me
uma parte da vida, mas foi sem:
não me levou nem me lavou,
livrou-me
da danação de todo mal, amém.

(Se houver louvor aqui, se alguma luva,
qualquer pessoa a pode usar por mim:
a minha história é como um guarda-chuva
que a gente esquece,
quando chega ao fim.)

Após um período de quase sete anos, tempo suficiente para que grandes mudanças acontecessem na vida de qualquer pessoa, eis que, abrupta e drasticamente, aos trinta e nove anos, um problema neurológico excluiu-me do corre-corre da existência. Abalada com tamanha mudança, certa manhã, sozinha no meu quarto,

sentada em uma cadeira, de onde somente era possível ver um pedaço do céu azul, eu senti que, apesar do meu corpo bastante fragilizado estar preso entre quatro paredes, minha alma continuava liberta e se encantando com a generosa nos entrega diariamente.

Nesse instante de incalculável e atroz inquietação, a voz do professor Gilberto soou bem clara perto de mim: “Você escreve? Por que não tenta? Tenta... tenta...” e, daí para frente, deveras atraída, encontrei, na palavra, uma alavanca para a minha reestruturação interior.

Um dos primeiros poemas que eu escrevi é, verdadeiramente, um desabafo. O título:

A D O R D O M U N D O

A dor do mundo
tirou o mar que me levava,
tirou o ar que me embriagava,

eu chorei dia e noite,
eu chorei noite e dia :
os sobressaltos da minha alma

doíam mais que os sobressaltos
da minha vida.

A noite se fez escura,
os dias mais ainda...
eu sofria, eu sofria
e tudo recomeçava bruto
na emenda das horas que se seguiam.

A dor do mundo
tirou-me quase tudo:
a força, o viço,
só me deixou,
intrigantemente,
a coragem,
esta coragem desmedida
de apostar na vida.

No segundo verso da primeira estrofe, lá estava o verbo levar: “A dor do mundo/ tirou o mar que me levava.”

Quando tive oportunidade, mostrei o poema ao professor Gilberto e lhe disse: “O verbo levar voltou para mim.” Ao que ele respondeu: “A lei do eterno retorno.” Foi assim que os nossos empréstimos poéticos começaram.

Algum tempo depois, conheci o seu poema “Língua”:

L Í N G U A

Esta língua é como um elástico
que espicharam pelo mundo.
No início era tensa,
de tão clássica.
Com o tempo, se foi amaciando,
foi-se tornando romântica,
incorporando os termos nativos
e amolecendo nas folhas de bananeira
as expressões mais sisudas.

Um elástico que já não se pode
mais trocar, de tão gasto,

nem se arrebenta mais, de tão forte.
Um elástico assim como é a vida
que nunca volta ao ponto de partida.

A flexibilidade do elástico, simbolizando a expansão do nosso idioma, guiou-me para escrever versos sobre como percebo o alcance das diversas maneiras que os poetas usam a Poesia para dar forma concreta às suas intenções. Aqui está:

MOBILIDADE

Como é elástica a Poesia.
Nela, alguns choram,
outros clamam,
há quem louve ou denuncie.
Já eu,
eu uso a poesia
para conversar.
Converso muito,
com os de perto,
com os de longe.
Converso com tantos queiram
saber do ouro, da prata,
do anel, do vaso colado,
do doce e da melancia.
Converso muito.
Dou receitas, esboço avisos,
e, principalmente,
converso com tantos queiram
saber das toadas acumuladas,
nunca, nunca amanhecidas.

Tempos depois, assistindo a uma entrevista pela televisão sobre Poesia, ouvi o professor Gilberto destacar a importância do soneto, hoje menos usado. Conforme o que ele disse: “Muita gente deixou de fazer sonetos, não por ele ter caído de moda, mas pela dificuldade da sua composição. Toma muito tempo do poeta”. E, continuando, explicou que por se tratar de um poema com forma fixa, dois quartetos e dois tercetos, apenas quatorze versos, isso exige muita atenção em relação à métrica, à rima, ao sentido do seu último verso, a chamada “chave de ouro”.

Depois dessa opinião, eu pensei: vou tentar compor um soneto. Meu Deus! Como trabalhei! Quando ajustava a rima, a métrica não encaixava. Não foi fácil! Passados alguns meses, o professor Gilberto veio a Goiânia fazer uma palestra no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Fui até lá com o meu soneto rascunhado. Quando o cumprimentei, pedi-lhe que desse uma olhada. Ele dobrou o papel, colocou no bolso da camisa e disse: “Se eu tiver tempo de olhar logo, falo com você daqui de Goiânia. Se não for possível, telefone do Rio.” Como “mestre no entendimento”, traduzi sua resposta assim: se estiver bom, ligo daqui; se estiver ruim, ligo de lá.

À tarde do mesmo dia, ele telefonou e me fez a seguinte comunicação: “Você está errando e acertando. Sendo assim, vai entender o que precisa ser modificado. Se você só estivesse errando, eu não ensinaria. Tomaria muito do meu tempo. E não tenho tempo a perder.” Eu sorri toda feliz! Devido à minha mobilidade reduzida, o professor Gilberto veio até minha casa e fez uma afiada explanação sobre soneto, destacando a diferença da composição dos sonetos decassílabos e dos alexandrinos. Guardo, até hoje, o papel com as orientações. E foi de toda essa lição que nasceu o meu primeiro soneto:

DÚVIDA

Seriam os apelos, os cochichos,
os ditos encobertos da linguagem,
o delírio da forma e os caprichos,
espelho incandescente de uma imagem?

Estaria o fascínio de uma musa
à flor das ondas frouxas das areias,
no bruxuleio terno das candeias,
além do desencontro, da recusa?

Confundo-me no jogo e no segredo.
Mas vindo pela brisa tal magia
da trilha sinuosa da paixão

com tanto encantamento, rede e enredo,
por que não me abrigar na poesia
e suspirar de amor numa canção?

No final dos anos 1990, recebi mais um livro do professor Gilberto. Nele havia um poema que me tocou sobremaneira: “O preço da liberdade”. Liguei para parabenizá-lo. Ele agradeceu sensibilizado e me contou que, a pedido de uma revista para publicar poemas seus, ele enviou três, sendo um deles “O preço da liberdade”, escrito em Salamanca, precisamente em 15 de janeiro de 1999. O editor o devolveu, alegando que aquilo não era poema.

Acho que, até mais do que ele, eu me surpreendi com tamanha incompreensão. Então, no dia 27 de julho de 2005, por ocasião da comemoração dos 50 anos de Poesia de

Gilberto Mendonça Teles, na Academia Feminina de Letras e Artes do Estado de Goiás, na presença dele, li um estudo que fiz para destacar a simbologia daquela estranha construção poética.

O PREÇO DA LIBERDADE

Michael Collins	Presente
Garcia Lorca	Presente
Jean Moulin	Presente
Mahatma Gandhi	Presente
Patrice Lumumba	Presente
John Kennedy	Presente
Eduardo Mondlane	Presente
Humberto Delgado	Presente
Luther King	Presente
Che Guevara	Presente
Salvador Allende	Presente
Amilcar Cabral	Presente
Aldo Moro	Presente
Ali Blutto	Presente
Indira Gandhi	Presente
Oloff Palm	Presente
Chico Mendes	Presente

Nós, os ausentes, vos saudamos!

Comecei o meu ensaio justamente com as palavras negativas do editor da revista. O que dizer de um poema que não parece poema? Um poema sem as peças habituais dos poemas,

ou seja, sem rimas, sem esquema rítmico, sem sistema de metrificação? Um poema cujas pausas surgem do encadeamento monótono e repetitivo da palavra *Presente*? O que dizer de um poema sem formatação? Desse modo, prossegui com as minhas observações para, afinal, dizer que o poema “O preço da liberdade” é uma canção de amor. Ela simboliza a grandeza do amor solidário. É uma bravíssima canção de amor, pois que os nomes aí relacionados são nomes de pessoas que lutaram por um ideal magnânimo, mas foram covardemente assassinadas. Entretanto, apesar da intolerância, suas ações marcam fortemente a História da Humanidade.

Quando terminei minha leitura, percebi o quanto a minha análise causara emoção. Então, o professor Gilberto aplaudiu-me de pé, acompanhado pelas pessoas presentes naquele auditório.

Todavia, a surpresa maior daquela manhã eu ainda iria viver. Naquele momento, ele leu o seu poema “Musa goiana” e apontou-me dizendo: “A musa goiana é ela.” Emocionada por merecer tal título, eu o entendi como a coroação dos nossos empréstimos poéticos.

Depois de reviver todos esses fatos que acabo de narrar, percebo o quanto foi importante eu ter acreditado nas palavras incentivadoras do professor Gilberto: *Você devia escrever. Por que não tenta? Tenta...tenta...* pois foi por meio desse incentivo que colori a escuridão que ameaçava cobrir a minha vida. Hoje, são elas, as palavras, que fazem dos meus momentos de quietude, um refúgio profícuo de saberes e de sabores.

Garanto que muitas pessoas têm por Gilberto Mendonça Teles igual ou até maior sentimento de gratidão que o meu, porque, encorajador constante, ele sempre indica, para os que nele confiam, o melhor caminho, o melhor aprimoramento.

E, por ser assim, Mestre da Poesia, nós, seus admiradores incontestes, calorosamente, o saudamos!

Goiânia, julho de 2019.

HELOISA HELENA CAMPOS BORGES

Professora, tradutora, poetisa e crítica literária

PREFÁCIO DO AUTOR

*A meus pais —
João Alves Teles
e
Celuta Mendonça Teles*

ALVORADA é o nome que escolhi para as poesias deste livro. Poesias escritas em épocas diversas, refletindo diversos instantes de sentimento e vibrações diversas de minha sensibilidade.

Esse nome é apenas um símbolo. Talvez nenhuma afinidade exista entre êle e as poesias... Talvez nenhuma. Entretanto, simboliza a minha primeira apresentação em livro.

Assim, Alvorada é um arrebol de rútilos e esplêndidos fulgores, com algazarra de pássaros e clarinadas de alegria. É a minha alvorada.

Não importa que para outrem ela se apresente um tanto brumosa, e entristecida. Para mim ela será sempre risonha, sempre leda, sempre rorejada de esperanças e de sonhos.

E, se Deus assim o permitir, outras “alvoradas” hão de surgir ainda.

1955

O AUTOR

SONETOS I

HISTÓRIA ANTIGA

É a mesma antiga e sempre nova história:
Um coração quieto e outro intranquilo;
Uma alma ansiosa, tímida e sem glória,
Noutra alma esquiva procurando asilo;

É aquela mesma chama, aquela flórea
Grinalda de ilusões; e é tudo aquilo
Em que se encerra a vida transitória,
— Somente que contado noutro estilo.

(Só o estilo mudou, porque a Arte exige
Que o Artista imprima em tudo o quanto erige
O perfume sutil de seus ideais.)

E, assim, a história sempre se resume:
Duas almas, o amor, o enlevo, o ciúme...
E as duas almas não se amando mais.

ELA

Ela surgiu, qual Vênus, de alva espuma,
De espuma de meu sonho alcandorado,
Do sorriso suavíssimo de alguma
Onda inquieta de um mar esverdeado.

Ela vibrou em mim. Foi como um brado
Que se eleva pelo ar, depois se esfuma,
Deixando um som sereno, envolto numa
Deliciosa impressão de ser amado.

E ela é bravia como um mar sem calma,
Serena como um pensamento langue,
Alegre e triste como uma saudade;

Ela canta e suspira na minh'alma,
Ela geme, sorrindo no meu sangue
Num paradoxo de felicidade.

DESTINOS

Eu ia só... e os meus incertos passos
Perdiam-se por entre as cousas frias,
Na reticência efêmera dos dias
Que se perdem nos tempos, nos espaços.

Escutava os sonâmbulos compassos
Dessas eternas horas fugidias,
Quando vi que entre as outras tu sorrias,
Dando-me a suavidade de teus braços.

Parei, então, indiferente às horas,
Indiferente às vibrações sonoras
Das lufadas dos tempos repentinos...

...E hoje quem olha ao longo das entradas
Há de ver duas almas abraçadas
E, abraçados, seguindo dois destinos.

RETORNO

Vivíamos os dois presos no arcano
De indefinido e delicioso encargo:
O nosso amor era um delírio insano
Num doce e sereníssimo letargo.

Era grande esse amor! Como o oceano,
Imenso e belo, majestoso e largo...
Mas de salsugem de amoroso engano
Sorvi bem cedo o desengano amargo.

E hoje, ao saber-te arrependida e triste,
Esquecendo que um dia me traíste,
Dou-te o perdão: volta aos meus braços, vem!

Hás de encontrar minh'alma desolada,
Pois, desde que partiste, está fechada,
Não quis abrir-se para mais ninguém.

OFERTA

Toma! Nas tuas mãos aveludadas
Guarda meu coração, que é teu somente.
Dá-lhe as tuas carícias perfumadas,
Faze sorrir este vilão descrente;

Aquece-o no teu seio adolescente,
Rega-o com tuas lágrimas rosadas,
Afaga-o entre as mãos e um beijo ardente
Dá-lhe nas débeis fibras laceradas;

Talvez assim, meu coração vivendo,
Nos teus seios de virgem se aquecendo,
Nos teus beijos de brasa se queimando,

Talvez assim, meu coração, querida,
Sentindo o teu calor e a tua vida,
Nas tuas mãos despertará cantando.

CAPRICHOS?

Tu trancaste, bem sei, com negra chave,
Teu coração ardente, de onde brota,
Em borbotões, o amor - puro e suave
Como um sereno voo de gaivota:

Vives agora como tímida ave:
Não cantas mais! E à solidão ignota
Foste proscrita por teu erro grave;
E, de teu peito, pálida, se esgota,

Como na seca a fonte cristalina,
Toda a tua esperança feminina,
Que se resume num ideal sonhado.

Mas nesse exílio apenas de vaidade,
Não te comoves de, na mocidade,
Ter por capricho um coração fechado?!

TRISTEZA

Tristeza, só tristeza na minh'alma,
Nessa minh'alma tímida e sentida,
Arrastada, a boiar, qual uma palma,
Na correnteza efêmera da vida.

E, embalada, flutua, triste e calma,
Indo sumir-se na úmida ferida
Do torvelinho rápido que empalma
Toda a esperança acaso concebida.

Às vezes, sobre as águas turbulentas,
Onde boiam também os desenganos,
Brilha um raio feliz de plenilúnio:

É quando, Minha Amada, tu me alentas
Esses sagrados ideais humanos
E estes humanos dias de infortúnio.

QUE IMPORTA?

Se tu me queres, se te quero tanto,
Porque fugires de minh'alma assim?
Pensa no triste, no angustioso pranto
Que chorarei, que chorarás por mim.

Esquece todo o teu passado ruim,
E amemo-nos, — que o amor é sempre santo.
Juntemos nossas almas e, num “sim,”
Bebamos juntos o hidromel do encanto.

Que importa a voz da turba? — a turba é louca!
Encosta à minha a tua ardente boca
E aperta-me em teus seios inocentes,

Que, na embriaguez suprema dos amores,
As nossas vidas se encherão de flores
E as nossas almas vibrarão contentes.

SAUDADE

Nos mares de meu cérebro flutua,
Entre os negros escolhos do passado,
O barco que conduz a imagem tua
Ao porto do meu peito apaixonado.

Silencioso e sereno se insinua
Pelas águas de meu olhar vidrado,
Deslizando, suave, à luz da lua,
Nesse oceano de lágrimas formado.

A viração do amor lhe enfuna a vela.
E ei-lo agora em mar alto, indiferente
Ao raivoso rugido da procela.

E ei-lo chegando e se encostando ao cais!
– Desceste então, ó Minha Amada Ausente,
Tu que partiste e não voltaste mais.

“ N Ã O D Á C E R T O ... ”

Eu concordo contigo – “Não dá certo.
Jamais há de dar certo o nosso amor.”
E vejo que é verdade: num deserto
Não encontra descanso o viajor.

Dos sonhos que sonhei com todo o ardor,
Por muito tempo, agora estou desperto:
É que a planta abrasada do Equador
Não pode florescer do gelo perto.

Separam-nos as águas de um dilúvio!
Tens no peito, a Sibéria; eu, um Vesúvio;
Tu és do Polo Norte, eu do Equador.

Eu compreendo, portanto, o que falaste,
Pois, havendo entre nós um tal contraste,
“Jamais há de dar certo o nosso amor.”

ENCANTAMENTO

Não quero ver-te assim, em trêmula ansiedade,
Os olhos turvos, turva a placidez do rosto,
Como se de teu peito um oceano de desgosto
Lançasse em teu olhar vagalhões de saudade;

Não quero ver-te assim, como as tardes de agosto,
Vestidos de mormaço e nimbos de alvaiade,
Quando a tristeza adusta e quieta o peito invade
E esparrama nos céus o sangue do sol-posto;

Nem quero ver-te assim, qual náufraga, boiando
Entre destroços e entre um fugitivo bando
De mil lembranças vãs, que inutilmente evocas;

Quero ver-te, no entanto, embebida de mim,
A tua alma em minh'alma – uma só alma – e, enfim,
Expulsando as paixões que no peito sufocas.

II

A renúncia de tudo, a renúncia de tudo
O que passar faiscando em frente ao teu olhar,
É a prova mais real que tu me podas dar
Ao dúbio coração, já vacilante e mudo.

Deves sempre esquecer que o mundo existe e achar
Que só eu sou teu mundo, e só eu teu escudo.
E seja o teu amor como um punhal agudo
A me ferir o amor de anseio singular.

A tua liberdade esteja circunscrita
À minha liberdade; a tua ânsia infinita
E simples, de mulher, num sólido contraste,

Fique entre o ódio e o amor. E ainda mais, querida,
Hás de renunciar a tua própria vida
Para viver comigo a vida que sonhaste.

III

Como a brisa que beija a perfumosa rama
Da madressilva em flor, que encontra no caminho,
Eu te beijava assim com o pródigo carinho
Que existe dentro d'alma ardente de quem ama.

Partiste... Eu te esperei solitário, sozinho
Como o triste sabiá que no bosque derrama
A nostálgica voz e, embalde, embalde chama
A companheira ingrata egressa de seu ninho.

Mas voltarás um dia. E eu cheio de saudade,
Me embriagarei então de toda a alacridade
E, bêbado de amor, em ânsia derradeira,

Ao teu encontro irei para beijar-te tanto,
Que sentirás tremente, envolvida de encanto,
Sentindo nesse beijo a vida verdadeira.

IV

Derramem sobre nós os perfumes das flores
E as carícias sutis das brisas perfumadas;
E as folhas do arvoredado em róridas ramadas
Sejam o nosso leito encantando de amores!

Sejam o hino nupcial os álares rumores
Das aves festivas que, em gárrulas toadas,
Epinícios de glórias às almas enlaçadas
Entoam, no retiro embebido de olores.

Transformem-se em dossel as nuvens que vão pelas
Altas regiões, e exista um roseiral de estrelas
Sobre o glauco cetim do tálamo sedento.

Pois, quando iniciar o nosso amor infindo,
A natureza toda há de ficar ouvindo
O sussurro dos ais no sussurro do vento.

V

Quando de nosso amor findar a primavera
E as flores da ilusão não trescalarem mais
O perfume da vida, e noites hibernais,
Lançarem sobre nós uma negra atmosfera,

E quando, a me acenar, te afastares do cais
De meu olhar saudoso, — a minh'alma em tapera
Há de ficar chorando, ansiosa, à tua espera,
— Cotovia que espera as luzes matinais.

E, de tanto esperar a tua volta incerta,
O fogo do tormento a deixará deserta
Como um campo depois de uma ígnea tempestade.

E eu tanto chorarei a tua ausência, e tanto,
Que, em minh'alma crestada, ao pingar o meu pranto,
Brotarão mais de mil roseiras de saudade.

VI

Não há, razão não há para martirizar-me,
Aumentando-me o ciúme e a dúvida comprida,
Insuflando-me ao peito a inspiração de um carne
Árido e triste como a minha própria vida.

Não te basta, mulher, o prazer de enganar-me?
Não te contenta o ver minha ilusão perdida?
É preciso me olhar com este olhar de alarme,
— Sete espadas de dor na minh'alma sentida?!

Tu tens um coração tão frio que parece
Um claustro solitário, onde o clamor da prece
Se eleva e espalha em torno um místico cicio.

Ah! mas como eu desejo estar aí, bem longe
Do mundo e preso como um paciente monge
No silêncio feliz desse convento frio.

SONETOS II

SONHO

Ah! mas por que te importas com o futuro
E tentas dissipar a bruma densa
Que ante teus olhos cegos mais se adensa
E se transforma num mistério escuro?

Que vale o preocupar-te? A vida... Pensa:
A vida é um sonho, um pesadelo duro,
Em que o homem se encontra num monturo
E a sua alma se encontra no ar, suspensa...

E o homem sente o desejo de atingi-la,
Mas, de repente, acorda. O resto é a argila.
Um sonho finda e um outro sonho vence-o,

Que a vida é um sonho, a morte é um sonho e tudo
Não passa da ilusão de um sonho mudo
No grande sonho eterno do silêncio.

ETERNIDADE

Ó almas sereníssimas e puras
No silêncio dos ermos desterradas,
Há nas vossas ideias abençoadas
A tristeza de todas as criaturas.

Soltai as vossas asas rorejadas
De ânsias, desilusões e desventuras
E volitai nas siderais alturas
De esperanças e sonhos estreladas.

Rompei as brancas túnicas das eras,
E dos seios ignotos das esferas,
E dos lúcidos astros de granito,

Olhai, por entre o azul da imensidade,
E vede, no esplendor da eternidade,
A suprema beleza do Infinito.

A CRUZ DO AMOR

No campanário de meu sonho altivo,
Cujos zimbórios a Cruz do Amor garante,
Entre espirais de incensos e de prece,
Um sino existe a clindonar festivo.

Ele é o Ideal que, sonoro, tece,
Num suave som de encantamento vivo,
A Música da Fé, da qual me esquivo
Como se louco ou tímido estivesse.

Mas se nos caos da dúvida irrequieta,
Ansioso e cego, a debater me ponho,
Escuto na alma a vibração secreta

Do som do Ideal, a me inundar de vida,
A me apontar, na cúpula do Sonho
A Cruz do Amor como atalaia erguida.

I M O

Cuidas fugir ao sofrimento e sonhas,
Como um poeta, os páramos astrais,
Onde a luz de teus místicos ideais
Mostra-te novas ilusões risonhas.

E no voo sereno em que te vais,
Fugindo às amarguras mais tristonhas,
Encontras sempre a dor, por mais que exponhas
A tudo os teus arroubos irrealis.

Em vão, procurarás nos altos ares
O bálsamo que alente os teus pesares,
Como um rocío às plantas ressequidas.

Onde quer que te encontres — céu ou terra,
Sonhando ou não, — hão de mover-te guerra
As tuas fundas mágoas doloridas.

A VERDADE

Não tentes nunca contemplar a vida
Com os olhos da razão em predomínio.
Antes, adoça um pouco o raciocínio,
Porque a realidade é bem dorida.

E a alma humana, por mais desenvolvida,
Por mais sábio que seja o seu domínio,
Jamais compreenderá todo o fascínio
De uma verdade a custo conseguida.

Não sejas, pois, filósofo sisudo,
De olhar severo, investigando tudo
Com paciência de beneditino.

Faze de tua vida um sonho vero,
Crendo que cada cousa seja um mero
E inocente brinquedo de menino.

HINO AO VENTO

Amo-te, ó filho das regiões cinzentas,
Invisível boêmio dos espaços,
Que abafas, na volúpia de teus braços,
Os soluços das cousas sonolentas.

Perpassas e não deixas os teus passos
Impressos nesses vácuos, que alimentas.
— Manso ou bravo, em sopros ou tormentas,
Amo-te, ó deus pagão de aéreos paços.

Amo-te o diabólico descuido,
Embriagando com teu beijo fluido
Os lábios nevoentos das alturas...

E amo-te o riso alegre e ingênuo, quando
Indiferentemente, vais contando
Os segredos das tuas aventuras.

CREPÚSCULO

Crepúsculo cinzento! Hora cinzenta
Que tremeluz na vesperal magia
E ante meus olhos tristes se apresenta
Embalsamada de melancolia.

És o reflexo pálido da lenta
E amargurada combustão do dia;
És a aurora da noite e te ornamenta
De sangue a frouxa luz que o sol envia.

Eu bebo os teus nostálgicos perfumes,
Eu sinto o teu silêncio adormecido,
Ó tarde enlanguescida!... Tu resumes

Toda a minha monótona ansiedade,
Transformada pelo *Angelus* sentido
Em sentidas sonatas de saudade.

VENTURAS DISPERSAS

Há nas emanações calmas das horas,
Numa fluidez sutil de cousas puras,
Infinitos reflexos de venturas
Qual no sorriso calmo das auras.

E em supremos requintes de ternuras,
Mil venturas serenas e sonoras,
Plenas de luz, peçadas de pletoras,
Brotam dos lábios das argilas duras.

Vivem tranquilas no íntimo de tudo!
E, num silêncio amordaçado e mudo,
Contemplam-nos dos vários universos.

Mas só as vemos nas manhãs de galas,
Quando as almas ansiosas vão buscá-las
E refleti-las num floral de versos.

NO CEMITÉRIO

Por que choras assim ao pé da sepultura?
Morreu a tua mãe? teu pai? a tua amada?
Não importa quem foi, quando a lágrima pura
Vai apenas lavar a lousa empoeirada.

Estas velas ardendo e estas flores de nada
Valem para deixar aí tua amargura.
Sob a lápide fria, e triste, e abandonada,
Há muito se desfez em pó essa criatura.

Se a saudade do morto, em teu peito se aguça,
Que vale o pranto teu? O cipreste soluça...
Deixa que o vento cante epicédios tristonhos.

O morto quer dormir em silêncio o seu sono.
Pensa na tua vida... Ainda há sol... E o outono
Não começou ainda a desfolhar-te os sonhos.

RÊVERIE

Quando os acordes quérulos, suaves
Da *Rêverie* aos céus vão-se espalhando,
Qual um airoso e fugitivo bando
De aves sonoras, de serenas aves;

Quando a harmonia num silêncio brando,
Parece, calma, se extinguir e os graves
E sonolentos sons tremem nas claves,
Como um gemido de alma soluçando,

Eu sinto assim, nos sons que o ar perfumam,
O gênio inquieto e mórbido de Schumann
Incompreendido nos saraus de outrora.

E em cada som plangente, em cada arpejo,
As mãos de Clara, trêmulas, eu vejo
Levando a sua alma pelo mundo afora.

O IDEAL

Ó rútila quimera, em vão, eu te perscruto.
Esquivas-te de mim, te escondes no Impossível,
Nessa longínqua estrela, imensa e inatingível,
Que ilumina o infinito arcano do Absoluto.

Ah! se apagasse um dia esse teu brilho! o bruto,
Que na minh'alma existe, em forma do Irascível,
Havia de irromper-se e, em bacanal horrível,
Torna-me na abulia um louco, irresoluto.

Centelha divinal, na Dúvida angustiosa,
O teu brilho se extingue, e, na região brumosa
Do subconsciente, espalha a sombra sorrateira.

Mas, quando o racional revérbero cintila,
A tua imagem volta a me guiar, tranquila
Como nos céus do Oriente a Estrela mensageira.

CRISOL

Condoreira de ideias, alma ansiosa,
Apruma as tuas asas, voa, parte...
Há no flóreo jardim suspenso da Arte,
Entre mil rosas, a encantada rosa

Rorejada de lágrima inditosa,
Cujo aroma sutil há de guiar-te
Como um farol ou vívido estandarte,
Ao grande, ideal, que a tua fé desposa.

Caminhando entre as nuvens e entre os astros,
Esquecerás que tens profundos rastros
Na verde lama dos marnéis medonhos.

E, ao baixares, contigo baixem, rolem,
Em profusão, o Amor e o róseo pólen
De outros anseios e serenos sonhos.

Há no teu beijo adocicada essência.
Fino hidromel de celestial sabor,
Néctar que embriaga de febril dolência
Minh'alma ansiosa de embriaguez de amor.

É pet'la rubra de uma rosa insonte,
Pólen sensual de voluptuosa flor.
Foi no teu beijo que encontrei a fonte
Inesgotável desse nosso amor.

Assim, querida, se desejo tanto
Libar o mel desse ideal licor
É que teu beijo musical é o canto,
O áureo prelúdio matinal do amor.

POEMAS

EXORTAÇÃO

Deixa rolar no caos do pensamento largo
A profunda amargura, o sofrimento amargo
Que habitam na tua alma entre ânsias sufocadas,
Entre anseios de amor e esperanças frustradas.
Esquece o teu passado e, sôfrega, procura
Noutros doirados céus a estrela da ventura.
Uma estrela encantada, uma estrela esquecida
Que te envolva de luz e te ilumine a vida.
Estende sobre toda a lembrança amargosa
O manto azul do olvido... A vida é bela. Goza
Cada segundo, cada instante de alegria.
— A vida é bela e breve, ela só dura um dia.

Toda manhã é como uma fonte silente
De novas ilusões, a jorrar, calmamente,
Nas represas da vida as murmurantes águas,
Toda manhã nos traz para as profundas mágoas
Um bálsamo de fé, um sopro de dulçor.
— Toda manhã nos traz um momento de amor.

Deixa, pois, que se perca o teu passado e vamos
Viver os dois a vida alegre que sonhamos.

Logo agora que estão enflorecendo todas
As árvores e vêm os pássaros às bodas
Assistirem de nosso imaginado dia;
Agora que, risonho, espalhando alegria,
Enfeitiçando tudo, ao som calmo do vento,
Abril veio assistir ao nosso casamento...

Tão perto estava o nosso arquetado Maio,
Quanto te foste embora...

É hoje o dia! Dai-o

A Ela, nessa lembrança, ó flores que também
Partilhastes comigo a sua ausência, sem
Um momento feliz. Ouvi-me, ó músicos poetas,
Vós pássaros gentis, almas irrequietas
Qual a minha. Voai, ide contar-lhe tudo,
Toda a minha tristeza e dizei-lhe que mudo
Está meu coração. Informai-a de que
Apesar de a saber longe a minha alma a vê
Tão perto, nesse lago anil que, na verdade,
É toda a minha dor transformada em saudade.

LAMENTO

Pobre de ti, não tens uma ilusão sequer!
Nunca provaste um lábio ardente de mulher
Virgem. Pungentes ais, nem suspiros tiveste
De um seio de mulher. Qual sombrio cipreste
Passaste a mocidade à beira de um jazigo,
Desse jazigo obscuro e que trazes contigo
Dentro do coração, onde, parvo, enterraste
Todo o teu ideal e tudo o que sonhaste.

O mundo te sorri, a vida te acenava,
A mulher que te odeia, outrora foi escrava
De teu amor. No entanto, a sua companhia
Rejeitaste e seguindo a louca fantasia
Procurando a quimera azul de outro ideal,
Foste-te mergulhar no imundo lodaçal.
Hoje, lamentas toda a privação sofrida
E dizes que o Destino fez que a tua vida
Fosse um mero brinquedo às mãos de u'a mulher!
E hoje dizes não ter uma ilusão sequer.

Entanto, uma ilusão hoje ainda te invade:
— Uma ilusão dorida em forma de saudade.

AUSÊNCIA

Tão longe estás de mim, tão longe a tua voz
Tão longe tudo... Entanto, a saudade, entre nós,
Estendo um lago ameno e de aniladas águas.
E te vejo ali dentro, eu te vejo entre as mágoas
Que o lago anil reflete, olhando o meu desgosto.
E te vejo tão linda, e tão lindo o teu rosto,
E te sinto tão perto e tão perto que, às vezes,
Nem parece que estás ausente há tantos meses.

Dize porque te foste, assim, tão de repente,
Sem me dizer adeus...

Fugindo indiferente

Ao meu amor?...

E logo agora que abril

Traz um véu de noivado incrustado de mil
Constelações azuis. Logo agora que as flores
Abrem-se em eclosões, trescalando os olores
Mais suaves e sutis! Uma flórea grinalda
Resplandecente de ouro, e safira, e esmeralda,
E orvalhados rubis, te traz a Natureza
Como um tributo à tua mística beleza.

EU TE ESPERO

Eu sempre te esperei.
Eu sempre te esperei numa nuvem de neve
Tão diáfana e sutil, tão vaporosa e leve.
E, num halo de luz, vinda de onde não sei,
Eu sempre te esperei.

E eu sei que tu virás.
E eu sei que tu virás num sonho alucinado,
Na brancura de paz de um silêncio ondulado.
E, suave como um luar de finos tafetás,
Eu sei que tu virás.

E nem sei quando vens.
E nem sei quando vens. O tempo é mago e lato.
Só o amor é verdade, e tudo o mais, abstrato.
Só o amor é que encerra o supremo dos bens,
E eu nem sei quando vens.

Mas te espero feliz.
Mas te espero feliz e entre anseios te aguardo.
Hás de chegar um dia a nesta espera eu ardo.
Sempre, por toda a vida (é minh'alma que o diz)
Te esperarei feliz.

MADRIGAL

Queres saber por que desejo tanto
Sorver teu beijo de aromal frescor?
—Pois bem, querida! É que teu beijo é o canto,
O áureo prelúdio matinal do amor.

Teu beijo é o beijo de uma boca jovem,
Onde há pujante e virginal vigor;
Dele é que emanam sensações que chovem
Sobre a minh'alma um vendaval de amor.

Teu beijo canta em madrigais serenos
Ledas volatas de lascivo ardor;
Tem o ressaibo de sutis venenos
Que vêm meu corpo envenenar de amor.

MELODIAS

Ternas melodias de longínquas plagas,
Nas manhãs da vida fascinando a gente,
Sois o murmúrio de revoltas vagas
Na minh'alma ecoando, como um som plangente.

Ternas melodias, de que mundo ignoto,
De que estranhas terras vindes me encantar?
Vindes no bafejo do aprazível Noto?
Vindes no bramido do Minuano, no ar?

Vindes das estrelas? — de uma Sirius? Vênus?
De que firmamento, de que céus surgistes?
Quérulos gemidos de amarguras plenos,
Só podem ser ecos de meus sonhos tristes.

Essas melodias cheias de tristeza,
São talvez saudades que em meu peito eu tinha;
São as ressonâncias dessa natureza
De milhares de almas, que eu possuo na minha.

Essas melodias que a minh'alma douram,
Que a meus sonhos beijam com tamanho ardor,
Essas melodias tão sonoras foram,
Nuns remotos tempos, vibrações de amor.

FLAMBOYANTS

Eu não contei ainda os flamboyants floridos,
 Alegres, majestosos, multicores,
 Que, ao vir da primavera, embevecidos,
 Policromos, sensuais, adornam-se de flores.

E, enfileirados, vão, floridos e felizes,
 Balouçando a ramagem espontânea,
 Como saudando, a rir, em rútilos matizes,
 As amplas avenidas de Goiânia.

E nas quentes manhãs de setembro e de outubro,
 Quando o vento lhes beija as franças, no alto,
 Sussurram, musicais, despetalando o rubro
 Véu de flores vermelhas pelo asfalto.

Uma a uma, gozando os afagos eólicos,
 Oscila, e treme, e cai serenamente.
 Em breve, o asfalto está como manchado de óleos,
 – Atapetado aprimoradamente.

.....
 Mas eu vos canto agora, ó flamboyants floridos!
 Pois vejo que os meus sonhos e ilusões
 São como as flores tuas – coloridos,
 Vão murchando, e caindo, ao vir das estações.

ENLEVO

Como o fiapo da paina ou o flóculo da neve,
Vagaroso e sutil pelo espaço a oscilar,
Senti a tua mão sereníssima, de leve,
Na minha mão roçar.

E, suave, vaporosa, envolta num veludo
De amorenada pluma ou tépido cetim,
A tua mão passou, como um pássaro mudo,
A roçar em mim.

E qual rubro arrebol na rúbida alvorada
Ou o áureo rosicler antes de o sol se pôr,
A tua face fez-se em fogo, fascinada,
Inflamada de amor.

E, em êxtases, no enlevo edênico flutuando,
Em breve, como um vivo e violento vulcão,
Senti dentro do peito, em pletoras, pulsando,
O pobre coração.

PESSIMISMO

Minh'alma é toda dolorida e débil
Como um clarão de sol no fim do dia,
Quando soluça a natureza flébil.

Uma tristeza repentina morde-a,
De quando em quando, e traz-lhe essa agonia
Que a faz pedir, clamar misericórdia.

Existe nela um como férreo cofre
Indevassável como os sonhos, onde,
Silente, guarda o mal que tanto sofre.

Minh'alma, esta minh'alma ressentida,
Cujos anseios em seu cofre esconde,
Numa misantropia incompreendida,

É a sombra imensa e céptica da vida.

ORAÇÃO DE NATAL

Jesus, para o Natal minh'alma vos suplica
Um silêncio de paz, uma quietude rica
De áureas recordações, de mística saudade,
De sossego, de calma e de serenidade...
Longe, para bem longe, o tumulto das gentes,
O borborinho insano e as vozes estridentes
Da turba irracional!

Deixai-me ouvir os hinos,
As sagradas canções, o badalar dos sinos,
Estes celestes sons que em minh'alma se adensam...
Entornai sobre mim a luz de vossa bênção
Espiritualizada... Arrancai de meu peito
O lúrido rancor com que — néscio — me enfeito!

Jesus, fazei com que nesse Natal eu possa
Sentir por um momento a Excelsitude Vossa
No espírito cansado e cheio de saudade.
Insuflai em minh'alma as luzes da Bondade
E a minha fronte ornaí de sonhos mais celestes...
Sejam-me a inspiração as dores que tivestes.
Somente para Vós seja o meu pensamento
Voltado...

E, então, no som nostálgico do vento,
No quérulo cantar das pequeninas aves,
No ciclo feliz das orações suaves
E na festiva voz dos sinos vos verei
—Simples como um Mendigo e altivo como um Rei!

(Natal de 1953)

NO MUNDO DAS LETRAS

Alvorada

(A Gilberto Mendonça Teles,
crítica do seu primeiro livro)

Ada CURADO

"Alvorada", como você bem disse apresentando-se ao público, reflete os diversos instantes de sensibilidade e sentimento do poeta, numa alvorada de rutilos e esplendidos fulgores com algarria de pássaros e clarimadas de alegria.

Eis a crítica que se poderia fazer de seu livro, feita por você próprio.

Nessa apresentação, você deixa transparecer o receio que tem de não agradar.

Nada tema, tocador de lira! Sua poesia é boa. Tem sentido. Faz-nos alegres e tristes e é nessa propriedade de fazer sentir que consiste o valor dos poetas.

Ela possui também, o passo incerto dos principiantes, quer nas expressões dos sentimentos, quer em obediência à métrica.

No belo soneto "História Antiga", onde se lê no último verso:

"E, assim, a história sempre se resume:

Duas almas, o amor, etc"

a meu ver, ficaria perfeito se você dissesse:

"E, assim, a história sempre se resume:

O amor, o enlévo, o ciúme

E duas almas não se amando mais"

No bonito poema "Oração de Natal", onde você diz:

"Somente para vós seja meu pensamento

Voltado"

esse "voltado", está sobrando. Somente para vós seja meu pensamento", diz tudo.

O soneto "Hino ao vento" é primacial. O poema "Flamboyants" também é completo.

As crônicas por mim citadas, embelezam sobremodo o seu livro. As demais, são melopelas que nos encantam num relance passageiro.

Nada há de melhor, meu amigo, que darmos ao público as nossas "Alvoradas" e recebermos em troca suas críticas e sugestões. São elas quem nos fazem, trocarmos nós, nossos passos incertos por uma firme e imponente andadura, rompendo então a gente sem receio, a trilha traçada.

Continue, poeta! Avance mais e mais pelo seu caminho sem timidez e com confiança. Sua poesia é boa. Valemos pelo que somos e somos o que quer nossa vontade.

— o o o —

"A linda morena que, louco adorava,
Que em sonhos bejjava, tremendo de amor..."

CASTRO ALVES

Naquela noite de novena, em casa da tia, aconteceu uma história de amor.

Verde é o cor da esperança e verde era também o cor do seu vestido. Ela estava excessivamente formosa com aquela sua roupa domingueira de tom esverdeado, que combinava muito bem com seus olhos de esmeralda de morena deslumbrante. Com o olhar fixo nela, estava o poeta. Susado estava sua tez e um pensamento percorria sua cabeça, ao contemplá-la com um firço na mão e a visão perdida no espaço, escondendo o peito onde jaziam corações despedaçados de muitos homens, que um dia foram felizes. Ela foi-se embora. Chamava-se Austro Costa e levava na cabeça aquela imagem quase irreal. Dessa imagem encantada, nasceu um dos mais lindos sonetos da língua de Camões:

O TEU VESTIDO VERDE

O teu vestido verde, êsse vestido
Com que te vi domingo na novena,
Não condiz bem com tua tez morena,
Não o uses mais, atende a êste pedido.

Tu, que és somente malvadex e olvião,
Que tens no peito um coração de hiena,
Olha que êsse vestido te condena,
E é no teu corpo um símbolo traído!

Guarda o vestido verde e não te zangue
O qua te peço aqui, flôr das ingratas;
Muda-lhe a côr, embebe-o no sangue.

Sou teu São João, oh Salomé sem dança!
Mas, se morena a mã, rinda me matas,
Não me mates vestido de esperança.

—oOo—

Na afã de mostrar aos irmãos de todos os Estados, que Goiás também possui literatura, a fama do poeta A. G. Ramos Jubé já cruzou fronteiras e atravessou o rio Paranaíba. Ele é dono de um improviso brilhante e se percorresse as feiras do Norte, onde os improvisadores pincam na viola e fazem falar o coração em linguagem rítmica e musical, certamente cantaria o ABC de sua terra, aos vates das regiões ensolaradas e desoladoras. E é ele que se manifesta sobre um outro trovador goiano, um jovem que nasceu um dia desses trazendo no bôjo de seu coração a dom inestimável da poesia. Em "Onomástico", compostos em sete sílabas, estão dezesseis versos, opinando sobre Gilberto Mendonça Teles:

Há coisas belas a nobres
Na vida e há, também, reles...
Tu, as primeiras descobres,
Gilberto Mendonça Teles.

No teu caminho de artista,
Tu segues o passo certo,
E vais do Belo à conquista,
Mendonça Teles, Gilberto.

E's o garimpeiro ativo,
Na cata da pedra esonsa.
E's Horácio redivivo,
Teles, Gilberto Mendonça.

Cultor e crente da Forma,
Que por ela sempre zelas;
A ganga em jóia transformo,
Gilberto Mendonça Teles.

Crítica da escritora Ada Curado ao livro Alvorada, de Gilberto Mendonça Teles, publicada no jornal O Popular em 30 de novembro de 1955.

Fonte: Cedoc/O Popular.

OS SARAUS DE OUTRORA

POSFÁCIO

Trabalhos iniciais, esquecidos ou perdidos, de um poeta que o tempo consagrou, provocam muita expectativa no leitor que só conhece as formas que foram densamente aprimoradas ao longo de uma vida. Distraidamente, espera-se encontrar nos trabalhos iniciais o mesmo estilo, a mesma técnica e a mesma densidade temática: busca-se, avidamente, o poeta que já está pronto. Natural e muito rapidamente, sobrevém a decepção. Contudo, logo o senso crítico do leitor o situa em seu devido lugar. Não se pode perder de vista a contextualização histórica na leitura de um jovem poeta cujos primeiros versos foram escritos entre os 18 e 24 anos de idade e publicados na metade do século XX, como é o caso deste primeiro livro de Gilberto Mendonça Teles, *Alvorada* (1955), articulado em três seções: “Sonetos I”, “Sonetos II” e “Poemas”.

Sendo assim, não surpreende encontrar traços românticos, parnasianos e simbolistas nesse grande poeta e crítico literário, àquela altura, um aprendiz de poesia, como o é qualquer artista em seus primeiros anos de formação. Os estilos poéticos citados constituíram-se, no Brasil, verdadeiras Escolas Literárias legando a gerações inteiras uma tradição que só foi rompida muito lentamente. Sob o impacto de Castro Alves, Olavo Bilac e Cruz e Sousa, poetas permaneceram por décadas imunes às ressonâncias modernistas da Semana de 22.

Dentro dessa perspectiva, a histórica, o que vai desconstruir, pulverizar ou negar um jovem e aplicado estudante que começa a palmilhar um caminho demarcado pelo lirismo amoroso, pela melancolia e pelo sentimento da natureza perpetuados pela tradição escolar e acalentados pelas confrarias reclusas do sertão? Portanto, não escandaliza que os 37 sonetos e poemas de *Alvorada* imprimam, apenas timidamente, por exemplo, a inquietação metalinguística que se tornará uma das vertentes da poesia de GMT. Nessas condições, edificar sonetos decassílabos e alexandrinos com força sentimental e empenho técnico já é mais do que uma proeza artística, é um verdadeiro prodígio.

Ciente dos valores que operam na criação literária, de antemão, o jovem GMT acena no soneto de abertura que a sua alvorada poética não encerra nenhuma novidade. Essa preocupação antecipa o poeta engajado na “raiz da fala” que vamos conhecer décadas depois. Os temas são os mesmos, o amor é uma “História Antiga”, mas o poeta ressalta que ele deve se encorpar em novo estilo: “ – Somente que contado noutra estilo”, porque a arte exige que o artista imprima “o perfume sutil de seus ideais”. Afinal, qual seria esse outro estilo a que se refere o poeta? “Ideais” refere-se às aspirações do poeta como sujeito – suas inquietações subjetivas – ou aos seus anseios de operacionalidade artística?

De todo modo, “Ela” surge entre as espumas do sonho, tal qual Vênus, instaurando e perpetuando nos versos seguintes o tremor na alma, os desenganos, a promessa não alcançada, tormentos da alma e do corpo da lírica ocidental que os versos do jovem poeta não logram renovar, ao leitor de hoje, nem o desenho nem as cores. Pode-se localizar todo um arsenal linguístico romântico que se avulta em procelas, escolhos, flor, ave, coração, saudade, natureza. Mas o defeito não

está apenas no jovem poeta, está nas condições históricas de seu tempo, está no leitor também formado pelo cânone. Se o leitor não conhecesse o “Leito de Folhas Verdes”, de Gonçalves Dias, não se encantaria mais com esses versos: “Derramem sobre nós os perfumes das flores/ E as carícias sutis das brisas perfumadas;/ E as folhas do arvoredo em róridas ramadas/ Sejam o nosso leito encantado de amores!”? Pode ser. Aliás, os dois poemas proporcionam emoções diferentes. Enquanto em GMT o encontro amoroso ainda está no plano da possibilidade e está sendo tramado na imaginação, no poeta romântico, experimentamos a vívida angústia da espera e sofremos com a frustração amorosa. E as lições dos mestres vão se repetindo: ressonâncias castroalvesinas, por exemplo, se fazem notar nestes versos “Como a brisa que beija a perfumosa rama/ Da madressilva em flor, que encontra no caminho”.

Por sua vez, o último poema da primeira parte traz uma sintaxe mais afeita ao simbolismo-panasianismo, pela atmosfera mística que transforma o coração da amada em um “clausuro solitário”, um “convento frio”, que o poeta-monge deseja habitar. Esse poema é o pórtico para a segunda seção, intitulada “Sonetos II”, quando o amor cede lugar à meditação, ao onírico, à sublimação, ao transcendental, elementos da temática simbolista que vêm acompanhados das letras em caixa alta que mais elevam o sentimento de solidão, tristeza e desamparo. Os temas se ancoram no léxico simbolista – e não nos poetas simbolistas, em recriação decalcada – facilmente identificado em “crepúsculo”, “Ângelus”, “siderais”, “ânsias”, “tristeza”, “Infinito”, “brancas túnicas das eras”, “seios ignotos”, “suprema beleza do infinito”, “incensos de prece”, “Ideal”, “Música da Fé”, “letargo”, “Quimera”, “irascível”, “louco”, “bacanal”, “Absoluto”.

Nesta seção, percebe-se mais complexidade no poeta. Agora, o que importa é a consciência de que a vida é apenas sonho e ilusão: “Que a vida é um sonho, a morte é um sonho e tudo/ Não passa da ilusão de um sonho mudo/ No grande sonho eterno do silêncio.” A palavra “sonho” está em todos os versos, inclusive duas vezes no primeiro verso, que finaliza com a palavra “tudo” promovendo um *enjambement* com o segundo verso, cuja rima final – mudo – ecoa o “tudo” que caminha para o inarredável “silêncio”. Já o soneto “Imo” faz uma sondagem do sofrimento íntimo e profundo que se aloja no interior do ser. A imagem do poeta se faz com vívida presença, elaborando mundos libertos do sofrimento. Em sonhos, sobretudo o sonho devaneado da arte, procura-se aplacar os pesares: “Cuidas fugir ao sofrimento e sonhas,/ Como um poeta, os páramos astrais,/ onde a luz de teus místicos ideais/ Mostra-te novas ilusões risonhas.” Assim, a arte é uma capacidade infinita de reelaboração, ainda que sempre permaneça no plano da ilusão. Como o poeta conclui o soneto “Sonho”, sonhando ou não, no céu ou na terra, as profundas mágoas “hão de mover-te guerra”.

Mas a arte é sempre o refúgio e a possibilidade de refundar a vida. Nesse sentido, o soneto “Venturas Dispersas” é a peça mais contundente da precoce consciência do poeta em relação à linguagem poética: professa a crença no poder da palavra de fundar uma nova ordem, trata daqueles momentos serenos e de alegria em que sonhos, projetos, anseios brotam “dos lábios das argilas duras” (uma bela imagem) e se materializam no poema, o estágio auroral da vida que se pode refundar: “Mas só as vemos nas manhãs de galas,/ Quando as almas ansiosas vão buscá-las/ E refleti-las num floral de versos.” Desta forma, esse livro inaugural já acena para a contemplação da

palavra poética, vertente que se instalará com todo vigor na poesia de GMT, como o erotismo.

O erotismo que se vislumbra no poema “Hino ao Vento” dá forma à volúpia dos movimentos do ar que já haviam sugerido uma antropomorfização aos gregos, quando o vento Bóreas era figurado como um moço raptor de donzelas. Nesse poema, o vento é o “invisível boêmio dos espaços”, o “deus pagão de aéreos paços” que sai pelo mundo despertando a sensualidade. Se, nos primeiros sonetos dessa alvorada poética o amor romântico vem contido e sacral, aqui o poeta já tangencia o erotismo – de igual modo presente na temática simbolista – elegante que jamais abandonará: “Amo-te o diabólico descuido,/ Embriagando com teu beijo fluido/ Os lábios nevoentos das alturas...// E amo-te o riso alegre e ingênuo, quando/ Indiferentemente, vais cantando/ Os segredos das tuas venturas.”

Nesta seção simbolista não poderia faltar um soneto vinculado à música, dada a relevância que essa irmã da poesia atingiu por meio de prefácios e poemas entre os franceses, que tentavam restabelecer um caráter mais vago e mais sugestivo à poesia e ainda aumentar-lhe o mistério. Nesse sentido, os acordes da “Chanson d'Automne”, de Verlaine, reverberaram as notas dos violinos pelo mundo das letras, espalhando soluços e gemidos, seduzindo, também, o jovem poeta GMT, que substituiu o violino pelo piano. “Rêverie” é o título homônimo de uma peça musical de Schumann, de igual modo carregado de notas melancólicas a serviço das expansões anímicas: “Quando os acordes quérulos, suaves/ Da Rêverie aos céus vão-se espalhando,/ Qual um airoso e fugitivo bando/ De aves soncras, de serenas aves;// Quando a harmonia num silêncio brando/ Parece, calma, se extinguir e os graves/ E sonolentos sons tremem nas claves,/ Como um gemido de alma soluçando”.

Se a imagética é simbolista, observa-se a presença de termos ainda preciosistas, como quérulos, airoso e o galicismo “soncras” (sorridentes). O poeta fala da incompreensão sofrida por Schumann “nos saraus de outrora”, dado o seu “gênio inquieto e mórbido”. Ao introduzir a reflexão com um “Eu sinto assim, nos sons que o ar perfumam”, instaura-se uma ambiguidade em relação ao sentimento de incompreensão: pelos acordes, o poeta alcança o sentimento de Schumann ou experimenta a mesma sensação com seus confrades?

Os flamboyants, tão característicos da capital do Estado de Goiás, ganham destaque na última seção do livro, no poema “Flamboyants”: “Eu não cantei ainda os flamboyants floridos”. As árvores coloridas e alegres que enfeitam “As amplas avenidas de Goiânia” não fogem ao procedimento passadista de todo o livro *Alvorada*, inclusive na descorada comparação dos efeitos da passagem do tempo na natureza com a duração dos projetos pessoais: “Mas eu vos canto agora, ó flamboyants floridos!/ Pois vejo que os meus sonhos e ilusões/ São como as flores tuas – coloridos,/ Vão murchando, e caindo, ao vir das estações.”

São poemas como os apontados nesta breve apresentação que o leitor vai encontrar em *Alvorada*, poemas de um jovem que ainda está em aprendizado poético; sua maior qualidade, portanto, em seus poucos anos de vida, é seguir o modelo dos mestres. De seus poetas preferidos, GMT absorve, por exemplo, a “estilística da repetição”, imprimindo graça ao poema quando repete uma palavra no mesmo verso. Entretanto, ao exercitar a forma poética dos mestres, o aluno de poesia apresenta-se fiel aos anseios e afetos próprios, procurando um equilíbrio entre o pensamento e a emoção, dando a entender que as lições do passado requerem ser superadas:

“Não seas, pois, filósofo sisudo,/ De olhar severo, investigando tudo/ Com paciência de beneditino.”

Darcy França Denófrío, profunda investigadora da obra de Gilberto Mendonça Teles, aponta em sua dissertação de Mestrado (na verdade, uma Tese), *O poema do poema* (1983), a configuração parnasiana de *Alvorada*, bem como a conjunção da emoção e da razão que se estabelecem para sempre em sua poesia:

GMT concorda que esta linha de indagação vem de longe, de seu primeiro livrinho bilaqueano, *Alvorada*, de 1955, onde começa falando de Arte. Nós acrescentaríamos que, se nesse livro começa falando em Arte, termina falando em poesia, nessa “centelha divina” e até mesmo no “racional réverbero”, numa visível aproximação dos dois elementos que sempre concorreram para o seu processo criativo: emoção e razão. (DENÓFRIO, 1983, p. 24).

Nesta mesma pesquisa, Darcy França Denófrío faz referência ao julgamento de Domingos Félix de Sousa sobre o percurso da poesia de GMT. O crítico assinala “o fenômeno da tardia impregnação da literatura provinciana”, vindo do Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo (DENÓFRIO, 1983, p. 25). A conquista da poesia moderna foi, para os goianos, um empreendimento demorado e é uma expressão artística que *Alvorada* não alcança, portanto.

Décadas mais tarde, em livro que reúne seus estudos sobre a poesia de GMT, Darcy França Denófrío inventaria o périplo do poeta a caminho da lucidez poética, retomando *Alvorada* como ele é, um livro vergado sob o peso do passado: “Livros produzidos mais sob o primado da emoção e sob

a influência de discursos poéticos anacrônicos, resultado de suas incessantes e inumeráveis leituras de poetas brasileiros de todas as épocas” (DENÓFRIO, 2005, p. 66). Mas a “centelha divina” e o “racional revérbero” do poema “Ideal” já conferem a seu primeiro livro os rumos de sua caminhada, afirma a estudiosa.

O descompasso da poesia goiana, na década de 50, em relação à poesia nacional era um fenômeno verificável em todos os poetas da geração, conforme a opinião do crítico paulista Homero da Silveira, que esteve em Goiânia em janeiro de 1957 para um ciclo de encontros com os escritores da terra, a convite do Bazar Oió. Duas dissertações de Mestrado, na área de História e na de Literatura, elaboradas na UFG e na UnB, respectivamente, registram as célebres atividades do Bazar Oió, livraria que agitava a vida cultural da cidade, promovendo palestras, saraus, encontros e divulgando a produção dos escritores em veículo criado para fomentar essas atividades culturais, o *Jornal Oió*. As dissertações nos dão conta da polêmica entrevista de Homero da Silveira que, ao retornar a São Paulo, concede uma entrevista sobre a situação que encontrou em Goiás, dizendo que ali não havia poesia digna de nota. O *Jornal Oió* repubblica a matéria, causando alvoroço no meio cultural goiano, porque o paulista apontava, sem meios tons e com uma pedagogia crua, o anacronismo dos poetas goianos:

Tive ensejo de incitar os moços a um maior contato com as fontes modernas da cultura, porquanto, apesar dos seus 20 anos apenas de vida, encontrei os goianos ainda versejando em plena era do Simbolismo, sendo que até condoreiros mesmo fui desencravar naquele sertão. É curioso esse fenômeno da lenta penetração da cultura em nosso País.

“Apenas um poeta modernista poder ser apontado em Goiânia, esse mesmo ainda muito preso aos cânones de 22: é José Godoy Garcia, autor de ‘O rio do sono’. Os demais são parnasianos e simbolistas’.” Prossegue Silveira afirmando que “Gilberto Mendonça Teles, autor do livro ‘Alvorada’ [sic] [...]. Há outros que formam o ‘Grupo dos 15’, mais moços, porém tão tradicionalistas como os demais. Timidez é a doença deles. Uma timidez que, afinal de contas, não se justifica. Concitei-os a mudar de rumo, sendo que meu ‘slogan’, que ficou pairando nos ares goianos, foi este: ‘Chega de passarinhos!’ Porque a turma de lá se não põe ‘passarinhos’, ‘mãos níveas’, ‘valsa de Chopin’ e ‘plenilúnio’ não se considera poeta realizado” (COSTA E SILVA, 2018, p. 71).

A entrevista na íntegra e os desdobramentos dela, como os egos feridos, o constrangimento do crítico conferencista, que declara “só fui sincero e quis ajudar”, podem ser conferidos na dissertação *Bazar Oió: uma livraria, um livreiro e um campo literário*, de Lúcia Tormin Mollo, apresentada à UnB em 2016.

Alvorada, escrito no limiar da década de 50 e publicado em 1955, denuncia um contexto perturbador de anacronismo em que a região central brasileira vivia imersa. Se com o rádio, a imprensa e as livrarias, e já superados os tempos do lombo do animal, a circulação e a recepção cultural estavam com o relógio bastante atrasado em relação às metrópoles, o que se podia esperar de outros setores?

Contudo, o apego aos modelos clássicos numa região desprovida de espíritos combatentes pode ter gerado a injustificável timidez e falta de ousadia dos jovens poetas goianos. Por outro lado, foi esse forte aparato intelectual que sedimentou os anos de formação daqueles moços, concorrendo

para que, no devido tempo, Goiás fosse coroado com um poeta da magnitude de Gilberto Mendonça Teles. Assim, não se pode desprezar os humildes começos, afinal, o poeta esperava e sabia que o tempo ia chegar: “Mas te espero feliz./ Mas te espero feliz e entre anseios te aguardo/ Hás-de chegar um dia e nesta espera eu ardo./ Sempre, por toda a vida (é minh` alma que o diz)/ Te esperarei feliz.” Essa é a primeira lição de um artífice a jovens escritores.

Uberlândia, 27 de março de 2019.

ENIVALDA NUNES FREITAS E SOUZA

Professora da Universidade Federal de Uberlândia

REFERÊNCIAS

COSTA E SILVA, Fernando. *O Jornal Oió na formação do campo literário goiano em 1957 e 1958*. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

DENÓFRIO, Darcy França. *O redemoinho do lírico: estudos sobre a poesia de Gilberto Mendonça Teles*. Petrópolis: Vozes, 2005.

DENÓFRIO, Darcy França. *O poema do poema*. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

MOLLO, Lúcia Tormin. *Bazar Oió: uma livraria, um livreiro e um*

campo literário. 2016. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

APÊNDICE

Na terceira edição do livro de estreia de Gilberto Mendonça Teles, incluímos a republicação do poema “O dedicado poeta Saci (o incentivador de leituras)”, escrito por Felipe Valoz, como uma homenagem ao autor goiano que mais publicou obras na gráfica da Escola Técnica de Goiás (ETG). Em 1955, imprimiu Alvorada para com ele inaugurar a trajetória de um dos mais notáveis poetas da literatura goiana. Em 1962, os artífices trouxeram à cena *Pássaro de pedra*, coletânea poética laureada pela Academia Paulista de Letras com o Prêmio Álvares de Azevedo. Dois anos depois, em 1964, a ETG prensou com tipos móveis o discurso de posse de Gilberto na Academia Goiana de Letras, intitulado *Goiás e literatura: a poesia de Leo Lynce e o sentido simbolista da obra poética de Erico Curado*. Essa parceria profícua entre a instituição e o renomado literato demonstra como os jovens artífices das artes gráficas prestaram um importante serviço à cultura do estado.

A homenagem se justifica também porque esta reedição é publicada no ano em que o autor comemora seu 90^o aniversário. Muitas dessas nove décadas foram dedicadas à escrita de poesia, à reflexão teórica e à crítica literária, resultando num acervo de produções de leitura necessária para jovens estudantes de Letras, pesquisadores de literatura e neófitos de poesia.

Da relação entre os dois poetas cujo encontro adquiriu forma de verso ressaltamos a distinta amizade. Felipe Valoz tem mantido vivo diálogo com o “poeta Saci”.

Com certeza, o epíteto que serve de subtítulo ao poema sintetiza perfeitamente a razão de, entre as dez obras da Coleção *Artífices*, apenas esta contar com uma criação poética alheia à composição original. Incentivar leituras tem sido a missão de Gilberto Mendonça Teles desde seu primeiro escrito, o que se desdobrou em outras várias publicações de criação, teoria e crítica, em palestras e cursos, em orientações de mestrado e doutorado e, sobretudo, em uma postura generosa de partilha do conhecimento com o outro. O percurso de doação de si na escrita se harmoniza bastante bem com o escopo de uma coleção que tenta salvar do esquecimento a memória da produção artesanal de livros sem a qual restaria no silêncio a voz de muitos escritores de Goiás.

O DEDICADO POETA SACI (INCENTIVADOR DE LEITURAS...) 8

A Gilberto Mendonça Teles

1.

Não há *saciologia* que fique *então*.
Pra já ou para algum tempo, seja lá
Em qual forjada altura que *ela* esteja.

Pois o intenso desejo não *sacia*.
Ainda mais com um trabalho somente
Braçal, com muito pouco pó e poesia.

Não *obstantemente*, em terra de serrote
Cego uma faca de mesa afia prego.
E se for no *cerrado* então, *hein?... Vixe!*

Coronel aqui, só o *Sinhô Popóta...*
Mas persiste a herança... E como não!
Pois bem!... Mas que o poeta possui, ou traz

8 Este poema foi publicado pela primeira vez em: VALOZ, Felipe. O dedicado poeta Saci (incentivador de leituras). In: XAVIER, Therezinha Mucci. *Fortuna crítica de Sociologia Goiana*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2011. p. 9-24.

*Consigno uma bela vista, ah!... Isso sim.
Mesmo que ela não veja o outro lado
Do rio. E entenda aí...um rio fundo e perigoso.
E olha, tem só uma perna pra pular,
Não importa se a direita ou esquerda falta.
Só interessa que vai!... Num pé de vento...*

*Vai! Faz valer o rio, a quinta na feira e
Diz: — Olá, vô... Tem aí um fumo de rolo e um
Fogo?... Anda logo sô!... Tô indo acolá.*

*Sei que ainda encontro uns ninho preferido...
De periquitos mesmo!... Lá nas locas,
No buraco do pau; com cobra e tudo...*

*Cê é besta sô!?!...E eu lá vou mexer com a enxada?
Saci nada faz não, diz que faz só
Arte. E hoje até santo pode ser;*

*Tal é mesmo o culto à moçoila típica,
Pseudo-higiênica, ou a com pretensão
De pureza da autêntica videira.*

*Pode provar... Não adianta!... Empadão
Seco, o quanto me grila... E da hortênciã
Falsa então!(?!)... No andor falta a poesia sem*

*Música, que se acaso ouvir, é só
Barra que cai, que pesa... Ai que dó!... E se
Lá estiver só... da romã é que não fala!*

Fala ou não fala... *E daí?... Se redemunha*
Busca-pé!... E manda vê a essência à coreia...
Que o *Saci inda vai e assusta...* sai troçando;

2.

Nem que esteja só *zoando* a horta que
O lavrador sustem *mui* cuidadoso
Todo o seu mundo em órbita *dureza*.

E veio a moda espantar *chamando-o* de
Duende, e evitar *sei o quê... Hum!(?!)... Neguím, né?*
Um pé que não é fincado no chão, e mais...

Os dois braços *abertos* ao relento,
Com os olhos *cru* e fixo, e na cabeça
Ora uma *seta* a cima... É um *gorro* maroto

Que *ele* tem que cuidar, se não...! Não *vai*
Sem desatar o nó do *ponto com*
Pito na mão e *punhal* no verso então.

Bom o humor, ou a meia libertação
Da dor pelo sorriso ao desconcerto,
O *redemunhador* foi castigado.

Mas para *ele* anda o mundo concertado,
Já que o bem tão mal ordenado assim
Pode ser alcançado se cuidado.

Vai ver que é aí que envolve o que é mãe das almas,
H-ã-cí. O quê?!... Ah!... isto é lá do potiguar.
Só que pra um *baiano* astuto é uma outra coisa;

Fala que é *ça-ci*: — *Oxente... não se zangue!*
E que quer dizer é *olho doente*, viste?!
E isto é, *olho gordo*, ou *mal-olhado... Eu, hein?!!*

Não *ou!...* é só um *olho-de-seca-pimenteira*.
E pode usar um *tapa-olho*, daquele
De pirata ou igual ao do *Seu Luis Vaz...*

Umas tribos do sul do Brasil deram
Origem a essas vozes, e o dia Trinta e
Um de Outubro é aí um dos dias do *Saci. Anote!!...*

Veja o caso do esforço *cassianista*,
Tão *verde-amarelista* quanto *preto*,
Que pra *nêga fulô* conta outros feitos

Do *Martim... Ah!... do Pereira!... o da Silva?!?!*
E, aliás, *pois quê...* a linhagem talvez não
Seja, *ora sô!... as tais* meras coincidências.

Em guarani *Yaci-Yaterê... Pode?!...*
Volta ô... *Anta!!! Foi o Aimberê* e o branco *Martim*
Que pela *Uiara*, até a *Noite* traziam já.

3.

O *Tapêrê!*... ou *Pererê Sá Pereira!*...
Matita Perê!... ou *Martim Cererê!*...
Sei lá... (?) só *sei* que pode ser razoável.

De primeiro no mundo... ideia não tinha;
 Só *manhã* existia... *Sol* e nada mais;
 Pois *noite* não havia... *Era madrugada*(...).

O assobio da *matinta* arrepia a alma;
 É coisa de outro mundo!... *Ôpa!!* Espera um pouco...
 É *Matinta* ou *Matita?!?...* – Já *ouvi* o pio!!...

Soa mais que os tais inúteis instrumentos
Musicais; nem tanto assim (!)... né?... diz algo.
 Descalço no *cerrado*, poeira e pedra...

Incomoda que dói quem *vê...* Mas é
 Só enfiar o pé *casculo* numa *câmara*
 D'água quente com sal, nada *de sangue...*

Cê é besta ô?!?!... Nem se doce essa água for.
Encantado, mas nem com *carapuça*.
Poder é poder!... *Cê* quer?... *Corre* atrás...

Certo... *Macuinamado!*... Pode ser...
 Mas escravo não, *pô!!*... Tem disso aí não.
 Se bem que *os dois Joaquins* não *se enganaram*.

E vai fazendo música pra surdo...
 Quer sair, some!... – *Um corrupio de vento.*
 Dona Benta caçoa do não benzido...

Se mexer com *Saci* vai é virar nume...
 E faça alguma coisa!... *Devo ser*
 Protegido, *estou* acuado e rindo à toa.
 O *preto véio* sabido diz que me
 Pega tendo uma *peneira de cruzeta*,
 Certa garrafa muito bem *tapada*

Com rolha assinalada de uma cruz,
 E espera o dia de *São Bartolomeu*...
 Oh! Oh!... Nome de *santo?!?!...* É o que faltava!...

Liga não... Ó...! É apenas dia de ventania.
 Quer melhor que fazer uns *rodamoinhos?!...*
 Mas o *bicho* é danado, *oi?!?!...* E desta vez

É que ele não prende *arteiro* nenhum!
 Se bem que da outra vez uma *mulatinha*
Sapeca, a do *Bastião*... quebrou a garrafa;

4.

Foi só o *enxofre* no ar, peguei do *prego*...
 A *carapuça*, pus na *carapinha*...
 E chega de prestar *bons servicinhos!*...

É, *ela* não era *Julieta* e nem *Helena*...
E eu sou lá algum *Romeu*?... Também, pra causa
Não precisava ser *bonita* ou *bela*.

Lá *pras* bandas do *São Francisco* te... Oh!
Não!... Esse *santo* é *outro*... Mas... não te
Chamam de um tal *Romão*?... Ah! O *Romãozinho*.

Ele anda por aí... é errante, *arteiro* e muito
Tinhoso... Pegou até praga de mãe.
E além do mais, tem duas pernas... *Ora!*

Ó...! Dizem que também foi *sapateiro*;
E o *bicho*, além de andejo, ri tão alto que ouve-se
Lá *onde o Judas* perdeu as botas... É mole?!?

O *povo* confundiu as lendas... É assim.
Muita coisa parece, mas não é. *Mais*...
Mal não faz, *tudo* tem algo de *fausto*.

Mas até este *negócio* de *Saci*
Também tem que estudar?... *Ora, se não!!!*
Pois é o que fica e passa pra *mó* adiante...

Porque tudo o que fica é provisório.
Então a *saciologia* pode *vingar*;
E podemos cantar... Evocar *musas*...

Existe *uma* em *Goiás* que irradia *luz*.
Ou!... Sabe onde é que fica? – *Sei!*... Foi *donde*
Nasceu o *doutor Camilo Seabra*... *rico*, e...

Estudado em Paris. *E não faltava ao
Jovem goiano a inteligência do belo;
Enfim, voltou pra Santa Luzia... Oh...! Hoje é...*

*Luziânia. Então o sujeito voltou para o
Goiás?!? – Casou-se por lá com a iaiá Isabel
Que infundiu em uma parasita azul...*

*Nossa!... E isso e uma charada ou uma machadada...?
Pois é. Quem contou essas coisas foi um tal
Bruxo do Cosme Velho... e isto é verdade!!*

*Hum!... Sei. Mas e a saciologia goiana, hein?!...
Então! Serve-me e serve-te, e o Mendonça
Teles é que escreveu... e eu estava lá e vi.*

5.

*Vejo sabendo e vejo sem saber,
E... tendo visto... sem ter visto nunca:
Inauguro este dúplice olhar múltiplo.*

*Como uma estranha ave feita de várias
Aves com um esmero lavor, dada
A uma mulher que é nascida e nascida...*

*Há em tal poema um sentido elucidante?!?
Rapaz!... o camarada é um poeta-crítico...
Tão versátil que a fala vai lavrando*

O terreno apisoado... é o ás da *falavra*.
Sim, todo cheio de *influência*... fria e ardente,
Peja, calma e com ímpeto na *ideia*.

E será o que o senhor quiser... e deste
Modo é o que *vos parece...* e... *um lance de*
Dados jamais irá abolir o acaso!!!

Viu e vê o pau da *bandeira* e se aproxima
Do poeta *caolho maior...* a *língua é lusíada...*
E com ou sem *Cabral* vai e *redescobre*.

É!... parece que *o cabra* é mesmo bom.
Chega até rimar *Jó* com o *Go* que é *sigla...*
E não é pegar pesado, está é no *Goiás*;

Lá nas *sombras da terra*, com o auxílio
Da *companheira antiga* dos inúmeros
Retornos... Musical que só... e discreta.

Moça de olhos morenos canta e encanta...
Deixa de *invocação...* e faz o *inventário!!!*
Mas a *musa* ainda ajuda... *traz lembrança!*

E faz *boca-de-pito* pra *Linguagem*.
O *Saci* anda é *virtual...* E é só um *Saci, ai...!*
Mas *virtual* não se opõe ao *real*, mas ao *atual*.

Saci safado, no *bambu* tem aula?
A *sacizada* está é feliz da *vida*,
Entra em qualquer parte sem ser notada.

E isso lá é bom?... — Ao menos é pro *mito*;
E este é importante ao poeta em qualquer época.
Mas poesia não é uma empresa de boas *vendas!*

Ah...! sempre tem *alguém* que *ouve e consome*.
Às vezes custa caro... E pra *Saci*
Não importa, se na *escola* o ensino *existe*.

6.

Ué...! *a escola é o professor!!... E tem os mestres?*
Olha...! tem Saci de tudo que é jeito...
É só ir lá pra *ver... Medo?!?... estais com medo?!?*

E ta lá o *Passarinho*, o *Ventania*;
Um é da pororoca... da Amazônia,
O outro é do *pastoreio... lá do Rio Grande...*

São Sacis. Mas e o goiano?!?... — Do Pererê!!!
Fala dos Sacis... Fumo e do Mandioca,
Do Mapa e seus apodos. Toda a corja...

E há uma *descrição... as velhas fronteiras*.
Lembra a estória e a história, o Negro d'água;
Sucuri, Caiçorismo, e... Aldeia global!(?)!

Ah!... e além disso tem *lição de música*,
Definindo um futuro musicista,
Pelo menos... é o início da carreira.

E para ter *começo*, *meio* e *fim*, num
Conto de fada, só após um estímulo.
Mover-se é fazer algo... *O trabalhar*.

É sair e enfrentar *tropas e boiadas*,
Passar todos os *vãos de Goiás*, que seja
Na base do *rezão... ai! ui! ai!...* e fazer a *festal*!

E na *alvorada*, cheio de emoção e *fardo...*
Chama um dos *apelidos*, ou um pseudônimo e...
Nomeia o *bicho da terra de Camongo*.

Tem muitos *Sacis*, né?... – *Muitos sujeitos*.
E isso está no *sertão* também... daí ser
Grande... muito mais que *ermos e gerais*.

Haja *Leituras!!! É...!* Muitas ou poucas...?
Viu?! O Saci está sabido... – Está é inspirado.
Não e sim! São as *vozes incentivadoras...*

Tem muita coisa além de *Saci...* como
Receita de cozinha... *Ó! Não é de rir*.
E é uma *fatura!...* *Bichos, peixes, pássaves;*

Ah!... e claro, o *trivial*. *Pense no arroz!*
Não menciona o de *puta-rica*, mas...
O arroz-de-moça-pobre... e *haja fome!!!*

E vai aqui vai a *acolá...* que *onda Saci!*
Cê tá... é pererecando!... deixa disso, *ou!*
E tem mais?... *Saci...* – De *Saci* basta *eu*.

7.

Não se tem dado tempo às raízes.
Em dia de dor e baldear sem rio,
É apenas com um pé que se anda e dança.

Se desse, voltava eu a um novo começo.
Digo que *estou* em vigília conduzindo
Os fatos. E *queiras* ou não sou *aparte*...

Mudança?... nova técnica?... *nova era*?...
Mas quem tem a história é só o *uropeu*!
Eu só *faço* e *crio* e o que é feito... ah! *recrio*.

Invento a mim mesmo, e como *todos*
Ando meio desligado *interiormente*,
De qualquer *relação* íntima e profunda.

E *pro* teu leme... é ser *côncio* de cada
Momento, em cada dia, a cada ato ou ação,
Num *giro* de labuta e muito suor...

E me inventam mais. Tentam... tardiamente.
Aos que mentem... atento! Ainda há um canto... E,
Rimbaudeio-os, *cambaleio* e *edemo-os* num pé!

Mas *Saci*... tu nem andas assim tão
Popular...! É...(?), eu vou indo e vindo, ainda...
Até logo...! *Adeusinho*...! *nos veremos*...

*Preto, uma perna só, e ainda pita... Pois!!!...
 Brasileiro...! E se der... Ora, se não!
 Estou no Para Pan-Americano...*

*Ah!... e mesmo que eu saiba ou não do inútil
 Que é escrever poesias que nada obriga...
 A ler ou ouvir os cantos enviesados...*

*Sei que vão descobrir marcas alheias
 Um tanto arditosamente transplantadas
 Para o meu rico(?!?) corpo de palavras.*

*O Saci aprendeu a fala de sua fábula,
 E isto o fez renascer com viço e ação;
 Aprendeu no local o universal...*

*Lá vem o Americano...! E essa, queiras
 Ou não, há que admitir. O que é que há?
 O que está a acontecer?... vais me deixar?!?*

*Saci!... vem cá... Sô!!.... Espera!!... Só um pouquinho!!!
 Não vai não, ou!... Pô!!... Saci!!!... onde é que você
 Vai???... Vixe!!... mas que vento!!!... Ainda dá tempo?!?(!)*

Goiânia, junho de 2008.

FELIPE VALOZ⁹

9 Felipe Valoz é compositor, musicólogo e professor natural de Goiânia, onde iniciou seus estudos em música como autodidata. Realizou o Bacharelado em Composição Musical pela Universidade de Brasília (UnB). Obteve o título de Mestre em Artes – Musicologia pela Universidade de São Paulo (USP). É doutor em Literatura Comparada e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB).

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

Reitor

Jerônimo Rodrigues da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Paulo Francinete Silva Júnior

Coordenadora da Editora

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Conselho editorial

Carlos de Melo e Silva Neto

Fábio Teixeira Kuhn

Fernando dos Reis de Carvalho

Lucas Nonato de Oliveira

Maria Aparecida de Castro

Maria de Jesus Gomides

Rita Rodrigues de Souza

Tânia Mara Vieira Sampaio

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Coordenação da Coleção Artífices

Olliver Mariano Rosa

Marcela Ferreira Matos

Goiandira Ortiz

Digitação da obra original

Isabel Luísa Sampaio

Revisão

Mabel Pettersen Prudente

Projeto gráfico e capa

Pedro Henrique Pereira de Carvalho

Diagramação

Ronaldo Cunha da Conceição (Editora IFAC)

Renata Rosa Franco

Conselho científico

Adelino Cândido Pimenta (IFG)

Albertina Vicentini Assumpção (PUC/GO)

Alice Maria de Araújo Ferreira (UNB)

André Luiz Silva Pereira (IFG)

Angel José Vieira Blanco (IFG)

Antônio Borges Júnior (IFG)

Camila Silveira de Melo (IFG)

Cândido Vieira Borges Júnior (UFG)

Carlos Leão (PUC/GO)

Celso José de Moura (UFG)

Clarinda Aparecida da Silva (IFG)

Cláudia Azevedo Pereira (IFG)

Dilamar Candida Martins (UFG)

Douglas Queiroz Santos (UFU)

Gláucia Maria Cavinin (UFG)

Jullyana Borges de Freitas (IFG)

Jussanã Milograna (IFG)

Kellen Christina Malheiros Borges (IFG)

Kenia Alves Pereira Lacerda (IFG)

Liana de Lucca Jardim Borges (IFG)

Lídia Lobato Leal (IFG)

Lillian Pascoa Alves (IFG)

Manoel Napoleão Alves de Oliveira (IFG)

Marcelo Costa de Paula (IFG)

Marcelo Firmino de Oliveira (USP)

Maria Sebastiana Silva (UFG)

Marshal Gaioso Pinto (IFG)

Marta Rovey de Souza (UFG)

Mathias Roberto Loch (UEL)

Maurício José Nardini (MP/GO)

Pabline Rafaella Mello Bueno (IFG)

Paulo César da Silva Júnior (IFG)

Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor (IFG)

Paulo Rosa da Mota (IFG)

Rachel Benta Messias Bastos (IFG)

Ronney Fernandes Chagas (IFG)

Rosana Gonçalves Barros (IFG)

Simone Souza Ramalho (IFG)

Waldir Pereira Modotti (UNESP)

Walmir Barbosa (IFG)

Formato 150 x 210mm

Tipografia Helvetica Neue Bold 12/14 (títulos)
Mrs Eaves OT Roman 11/16 (texto)

Papel Pólen 80 g/m² (miolo)
Cartão Supremo 300 g/m² (capa)

Tiragem 750 exemplares

*Não tentes nunca contemplar a vida
Com os olhos da razão em predomínio.
Antes, adoça um pouco o raciocínio,
Porque a realidade é bem dorida.*

A COLEÇÃO ARTÍFICES

COMO OS ESTREANTES NA POESIA, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na artefania dos tipos para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio.

Numa ou noutra das obras desta coleção, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a, com os olhos no futuro, folhearem cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.



EDITORA
IFAC



INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Acre



INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Goiás



ISBN 978 85 67022 61 1



9 788567 022611